BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • MAIO DE 1952 • N.º 303

A ADUBAÇÃO DAS TERRAS E A NOVA FASE DA AGRICULTURA NACIONAL

Não estão ainda apurados os dados estatísticos da importação de adubos pelo Brasil, no ano passado. Quando forem divulgados, chegar-se-á a uma conclusão que é realmente reveladora e animadora: a entrada desses elementos fertilizantes, no país foi a maior registrada em nossa história econômica. Isso quer ainda dizer que a agricultura brasileira, especialmente a de São Paulo e Rio Grande do Sul, está mudando ràpidamente de rumos. A falta de braços na lavoura engendrou a mecanização rural. A princípio ninguém está percebendo a mudança operada, mas dentro de pouco tempo o mal de ontem tornar-se-á a benção de amanhã. Os Estados Unidos passaram pela mesma calamidade. Perderam braços, atraidos pelas cidades, e isso parecia o fim do mundo. Mas, a engenhosidade mecânica corrigiu a falha. Menos gente nos campos norte-americanos e mais produção nas tulhas e silos, porque o pouco deixado nos meios rurais mulplicou-se em termos de eficiência e produtividade, graças à maquinária moderna.

Vamos atravessar dentro de algum tempo a mesma fase. Já há mais tratores e outras máquinas agrícolas em nossos campos do que se pensa e há mais área hoje cientificamente adubada do que se julgava possível, não faz igualmente muito tempo. Eis como se processou a importação de adubos pelo porto de Santos, no ano passado:

Cloreto de potássio	32.800
Fosfato	65.632
Salitre do Chile	37.265
Sulfato de amonio	14.895
Sulfato de potássio	1.259
Superfosfato	81.080
Hiperfosfato	14.950
Diversos não especificados	7.329
TOTAL	**246.210**

Está-se, pois, entrando na fase da agricultura cientifica, que só pode desenvolver-se com ajuda da boa técnica, onde a adubação é fator preponderante. Nos dados acima citados não incluem os adubos fabricados em nosso meio, extraidos de reservas naturais locais, de maneira que a quantidade realmente disponivel ou utilizada nas lavouras pode ser maior do que a apresentada pelos dados da importação.

É possível que ainda muita gente não use adubos porque os julga caros ou porque suas terras são férteis, mas o dia chegará em que, pela maior concorrência dos interessados, os preços cairão a níveis razoáveis, e teremos a nossa própria indústria local suficientemente forte para justificar o maior e melhor aproveitamento de jazidas nacionais.

A agricultura brasileira — e a de São Paulo não escapa à generalização — viveu sempre da exploração das manchas de terras boas, justificando o deslocamento dos centros de produção para regiões muitas vezes excessivamente distanciadas dos pontos de consumo ou de escoamento das safras. Essa fase está pràticamente encerrada. Vamos aproximando as terras agrícolas, gradualmente, dos grandes centros naturais de consumo, porque a adubação já lhes dá maior valor econômico. Isso é conquista que aliviará a carga dos transportes de regiões longínquas, permitindo o melhor aproveitamento do braço disponível.

A adubação das terras vai produzir profundas alterações na fisionomia rural brasileira, mas para isso é necessário criar nossa indústria de fertilizantes suficientemente forte para atender aos reclamos dessa nova era. — G. D.

("Diario de S. Paulo", 29-2-52)

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | MAIO DE 1952 | Número 302

Sumário

COLABORAÇÃO:

Exportação de café para a Alemanha — José Testa.
Normas para a formação de um cafèzal — J. E. Teixeira Mendes.
Ensáio preliminar de irrigação de café — Walter Lazzarini.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O café no Espírito Santo — Salvio Pacheco de Almeida Prado.
Intensificam-se em Campinas os estudos relativos ao melhoramento do cafeeiro — Alaor Pacheco Ribeiro.
"O futuro pertence aos países que possuem uma grande agricultura equilibrada com a indústria" — Constantino Ianni.
Consumo de adubos em 1950.
Aspectos da econômia cafeeira.
Irrigação e política cambial.
A restauração dos cafeeiros.
Deve ser a proteção das colheitas contra as estiagens a primeira parte do plano oficial de aumento da produção.
Adubos verdes.
Pomares de café.
O café visto nos Estados Unidos (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) — Abril.

ESTATÍSTICA:

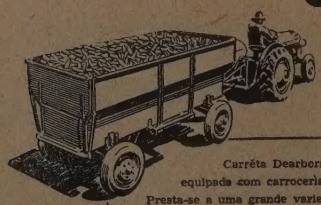
NOSSA CAPA: — Viveiro de café, à sombra, em balainhos, com mudas já prontas para serem plantadas no lugar definitivo.

CARRÊTA DEARBORN

— rapidez e facilidade de transportes na fazenda

ligado ao Trator Ford, a Carrêta Dearborn, equipada com plataforma, é ideal para o transporte de fardos, caixões etc.

Tôda de ferro e aço — distância entre eixos ajustável!



Carrêta Dearborn equipada com carroceria. Presta-se a uma grande variedade de transportes na fazenda.

Dearborn
EQUIPAMENTO AGRÍCOLA

Uma boa carrêta é indispensável para aproveitar, nos transportes da fazenda, tôda a potência e rapidez dos tratores Ford. A Carrêta Dearborn, tôda de ferro e aço, é construída para resistir a anos e anos do trabalho mais árduo. Tem "chassis flexível" para amortecer solavancos e choques. Outra vantagem importante: sua distância entre eixos é telescópica, podendo ser ajustada de 2,10 a 3,15 metros, de 6 em 6 polegadas! Adaptável para uso com carroceria, plataforma ou fueiros. Peça mais informações ao Revendedor Ford.

Ford TRATOR

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

1-334

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ PARA A ALEMANHA

JOSÉ TESTA
(Da Superintendência dos Serviços do Café)

O acentuado e rápido renascimento da Alemanha surpreendeu a todo o mundo. Mesmo àquêles que, como nós, confiavam na capacidade de trabalho, no espírito de luta e de disciplina, nas faculdades inventivas dos alemães, a recuperação germânica — como, de resto, também a italiana, a francesa, a belga e a holandesa — constituiu um autêntico **tour de force**.

É bem verdade que, no caso, houve um grave exagero inicial, dos que a supunham totalmente arrasada e incapaz de renascer. Foi êsse um erro em que não elaborámos, pois se tratava, evidentemente, de um julgamento feito não com a cabeça mas com o coração e, o que é pior, um coração cheio de ódio.

Entretanto, a recuperação européia, a germânica principalmente, foi mais rápida e acentuada do que se poderia esperar. Qual a causa principal? Evidentemente, as virtudes de trabalho e de iniciativa dos alemães, tão sòmente, não a poderiam explicar. A razão precípua se deve ao fato, até certo ponto paradoxal, de que o inimigo de ontem se transformou no principal aliado econômico de hoje, estando mesmo em vésperas de se tornar também um aliado militar. A hostilidade permanente dos vencedores teria tornado extremamente difícil o renascimento germânico. Seu simples absenteismo tornaria algo morosa aquela recuperação. Mas, devido às disputas entre o Oriente e o Ocidente, os aliados ocidentais nem mesmo se mantiveram apenas indiferentes. Foram mais longe, tornando-se, através do Plano Marshall, estimuladores ativos e práticos da reconstrução européia.

Êsse auxílio, somado ao que os alemães puderam dar-se, como organização, iniciativa e técnica, conseguiu aquilo que se está vendo: o acelerado renascimento industrial e comercial do país vencido. Acresce que a Alemanha não tem ainda, até agora, uma grave e minaz preocupação, que devora as finanças dos países ocidentais: o rearmamento. Quando tiver que assumir-lhe a responsabilidade, em virtude de suas obrigações na Comunidade Européia e no Exército Europeu, sua situação econômico-financeira se ressentirá dêsse fato. Mas, não há dúvida de que até êsse peso se fazer sentir os alemães já terão consolidado, no mundo dos negócios, a sua posição.

— — — — — — —

No que respeita ao Brasil, e especialmente no que concerne ao café, o renascimento da Alemanha, principalmente como mercado, é auspicioso. Nossas exportações totais de janeiro a outubro de 1951, para êsse destino, atingiram a 114.289 toneladas, ou seja a metade do que se conseguiu antes de 1936. (Aliás nos três anos antes da guerra as compras alemãs no Brasil, como em toda parte, haviam aumentado sensívelmen-

te e, pois, não servem como base de comparação. Elas exprimiam uma situação anormal, de formação de estoques). O mesmo se póde dizer com referência às nossas importações da Alemanha, que crescem aceleradamente, em volume, não se levando em conta o acréscimo muito maior em valor, pois se trata de um fenômeno em grande parte inflacionário.

COMÉRCIO DO BRASIL COM A ALEMANHA

QUADRO I

ANOS	Exportação		Importação		Saldo Cr$ 1.000
	Toneladas	Cr$ 1.000	Toneladas	Cr$ 1.000	
1919	11 785	10 523	1 723	3 208	+ 7 315
1920	123 858	112 301	55 059	104 862	— 7 439
1921	145 513	165 049	155 169	137 054	+ 27 995
1922	115 933	140 821	225 401	147 237	— 6 416
1923	129 330	186 513	157 203	236 363	— 49 850
1924	120 393	253 170	253 791	342 094	— 88 924
1925	137 523	272 102	419 081	465 804	— 193 702
1926	158 226	266 466	337 145	342 008	— 75 542
1927	205 513	378 639	268 955	348 018	+ 30 621
1928	213 656	444 582	309 701	460 665	— 16 083
1929	230 290	338 122	322 753	447 534	— 109 412
1930	215 774	265 046	218 540	267 120	— 2 074
1931	232 584	314 225	180 611	194 830	+ 119 395
1932	148 390	223 618	95 720	136 461	+ 87 157
1933	143 146	228 920	136 445	262 887	— 33 967
1934	230 304	453 579	210 744	350 763	+ 102 816
1935	305 418	679 504	549 636	799 732	— 120 228
1936	307 835	645 639	871 881	1 002 597	— 356 958
1937	434 284	871 741	1 186 915	1 270 348	— 398 607
1938	723 072	971 516	1 085 877	1 298 356	— 326 840
1939	630 767	671 849	569 251	958 234	— 286 385
1940	34 244	112 079	4 932	92 095	+ 19 984
1941	24 224	81 225	5 038	101 271	— 20 046
1942	—	—	450	9 194	— 9 194
1943	—	—	—	—	—
1944	—	—	—	—	—
1945	—	—	—	—	—
1946	—	—	—	—	—
1947	3 123	10 222	—	—	+ 10 222
1948	85 236	229 914	11 362	19 564	+ 210 350
1949 (8 meses)	53 464	302 811	20 497	65 027	+ 237 784
1949	—	314 000		111 000	+ 203 000
1950	—	336 000	—	353 000	— 17 000
1951 (Jan.-Out.)	114 289	1 097 573	295 195	1 468 899	— 371 326

Fonte: Serviço de Estatística Econômica e Financeira — Ministério da Fazenda.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL

QUADRO II

ANOS	Total (Sacas)	Para a Europa (Sacas)	PARA A ALEMANHA			
			Sacas	Cr$ 1.000	% sôbre a Europa (Sacas)	% sôbre o Total (Sacas)
1919	12 983 250	6 214 000	8 922	843	0,1	0,1
1920	11 524 780	4 544 543	545 830	36 988	12,0	4,8
1921	12 368 612	5 465 266	922 520	76 521	16,9	7,5
1922	12 672 536	5 741 996	444 541	47 971	7,7	3,4
1923	14 465 582	6 020 048	366 894	53 558	6,1	2,5
1924	14 226 482	6 290 440	531 758	111 570	8,5	3,7
1925	13 481 955	5 584 609	513 767	113 441	9,2	3,8
1926	13 751 479	5 379 715	693 208	118 556	12,9	5,1
1927	15 115 061	6 078 306	955 446	163 885	15,7	6,3
1928	13 881 443	5 565 052	1 028 147	212 702	18,5	7,4
1929	14 280 815	5 859 753	807 401	159 745	13,8	5,7
1930	15 288 409	6 112 076	912 113	110 848	14,9	6,0
1931	17 850 872	7 172 799	1 170 626	164 132	16,3	6,6
1932	11 935 244	4 532 797	935 312	147 628	20,6	7,8
1933	15 459 309	5 966 935	1 165 419	159 300	19,5	7,6
1934	14 146 879	5 646 809	1 710 000	261 210	30,3	12,1
1935	15 328 971	5 522 866	871 007	125 225	15,8	5,7
1936	14 185 506	5 188 387	1 128 219	184 031	21,7	8,0
1937	12 122 809	4 589 398	1 266 812	242 550	27,5	10,4
1938	17 112 524	6 843 209	1 774 401	268 486	25,9	10,4
1939	16 498 525	6 100 318	1 032 798	145 543	16,5	6,2
1940	12 045 715	1 874 355	63 188	9 247	3,4	0,5
1941	11 054 566	340 267	124	23	—	0,0
1942	7 279 658	358 745	—	—	—	—
1943	10 115 969	718 505	—	—	—	—
1944	13 558 122	858 453	—	—	—	—
1945	14 172 052	1 554 448	—	—	—	—
1946	15 609 499	3 072 207	—	—	—	—
1947	14 687 627	3 600 428	330	120	—	0,0
1948	17 492 313	3 940 858	174 712	59 220	4,4	1,0
1949	19 368 468	5 250 933	291 784	121 641	5,6	1,5
1950	14 834 900	3 835 897	62 835	72 663	1,6	0,4
1951	16 358 008	4 547 772	411 402	521 039	9,0	2,5

Fontes: DNC — Serviço de Est. Econômica e Finanças — Minist. da Fazenda e SSC.

As exportações totais da Alemanha para a América do Sul, no ano passado, atingiram a 370.000.000 de dólares, contra 153.000.000 em 1950 e 32.000.000 em 1949. Por êsses dados se constata como é extraordinária a recuperação do comércio alemão. Comparando-se com os 450.000.000 de dólares que a Gran-Bretanha vendeu à América do Sul, em 1951, verifica-se que os 370.000.000 obtidos pela Alemanha a colocam numa posição dificilmente imaginável para ser alcançada, dentro de um lustro, por um país que acabava de sair de uma guerra total.

— — — — — —

Só em 1947 recomeçaram as exportações de café para a Alemanha. Vendemos-lhe, nêsse ano, apenas 330 sacas. No ano seguinte, 174.712. Em 1949, 291.784. Em 1950, houve um retrocesso (nas nossas vendas, apenas, pois a Alemanha comprou, de outras fontes, maior quantidade do que em 1949) tendo-lhe exportado apenas 62.835. E, finalmente, em 1951, nossas vendas para o mercado alemão foram de 411.402 sacas. Em porcentagem, vendemos à Alemanha, em 1948, 75% do total dos cafés por ela adquiridos; em 1949, 81%; em 1950, caimos a 16% e em 1951 subimos novamente, atingindo a 64%.

De um modo geral, excetuada a queda ocorrida em 1950, nossa porcentagem nos fornecimentos de café à Alemanha foi excelente, nêsse quinquênio, pois no anterior à guerra (1935-39) o máximo que conseguíramos fôra de 57,53%.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ NA ALEMANHA
(Sacas)
QUADRO III

ANO	Do Brasil	De outros	Total	% do Brasil
1935	1 132 987	1 326 790	2 459 777	46,06
1936	892 343	1 696 334	2 588 677	34,47
1937	1 050 987	1 911 958	2 962 945	35,47
1938	1 529 828	1 760 500	3 290 328	46,49
1939 *	893 052	659 146	1 552 198	57,53

(*) Dados de Janeiro a Julho. A eclosão da guerra interrompeu o fornecimento de dados estatísticos.

Entretanto, há um sério óbice a entravar nossas exportações cafeeiras para êsse país, e que é o excessivo gravame imposto pelo fisco alemão ao café. Êsse pesado onus impede que nossas exportações para aquêle destino sejam maiores, pois já é grande, novamente, a capacidade de absorção do mercado germânico e, não obstante haverem muito crescido nos últimos anos, ainda são pequenas suas importações do Brasil. Disso resulta que vimos consignando grandes **deficits** em nosso comércio com êsse país, chegando a 30 milhões de dólares em 1951 e devendo acentuar-se muito mais no corrente exercício, pois sòmente as licenças importação expedidas pela Cexim, para o primeiro semestre, acusam um desequelíbrio, cóntra o Brasil, de 65 milhões.

EXPORTAÇÃO DE ALGUNS PRODUTOS BRASILEIROS PARA A ALEMANHA
1938
QUADRO IV

PRODUTOS	Alemanha		Todos os países		% da Alemanha sôbre o total	
	Toneladas	Cr$ 1.000	Toneladas	Cr$ 1.000	Quantidade	Valor
Algodão em rama	81 803	286 260	268 719	929 856	30,4	30,8
Madeiras	78 719	20 879	301 377	76 907	26,1	27,1
Carnes	132	451	68 269	147 387	0,2	0,3
Peles e couros	21 921	74 282	55 672	208 959	39,4	35,5
Arroz	4 125	3 182	57 445	40 350	7,2	7,9
Açúcar	—	—	8 141	2 882	0,0	0,0
Frutos oleaginosos	11 612	11 654	247 582	188 338	4,7	6,2
Cacau em amêndoas	23 577	40 879	127 888	212 996	18,4	19,2
Fumo	13 078	44 933	26 763	85 518	48,9	52,5
Laranja	21 750	12 740	192 047	112 472	11,3	11,3
Cêra de carnaúba	248	2 723	9 158	101 016	2,7	2,7
Outros produtos	466 107	473 533	2 570 809	2 990 209	18,1	15,8
Total	**723 072**	**971 516**	**3 933 870**	**5 096 890**	**18,4**	**19,1**

Dados fornecidos pelo Serviço da Estatística Econ. e Financeira — Min. da Fazenda

O preço atual de venda do café, no mercado alemão, é de 150 a 180 cruzeiros, e dêsse total dois terços representam taxas e impostos. Atualmente, 100 quilos de café verde pagam 1.179 marcos de impostos e taxas, assim calculados na base de quilo:

Preço do produto importado em Hamburgo Crs$. 26,00 por K.
Encargo fiscal ..... Crs$. 56,00 por K.
Despesas de distribuição e lucro comercial Crs$. 73,00 por K.

A margem de lucro é, como se vê também excessiva. Supõe-se, entretanto, e com razão, que a redução dos impostos concorrerá para sua diminuição mesmo porque ela é devida em parte à existência de muito contrabando. Calcula-se que, em 1951, além de 640.000 sacas de café importado pelas vias normais entraram no país outras 280.000 de contrabando.

A despeito do alto custo em que fica o café para o povo (9 a 12 cruzeiros a xícara e, como vimos, 150 a 180 cruzeiros o quilo) o consumo é grande e a procura intensa. Mais houvesse mais se consumiria, principalmente, é claro, se os preços fossem mais acessíveis.

Como se vê, o problema não diz respeito apenas à Alemanha. Não se trata, sòmente, da renda dos impostos ou do consumo do café. A nós nos interessa mui especialmente essa questão relativa aos onus fiscais sôbre nosso maior produto de exportação, e isso num país que já chegou a ser o segundo importador mundial. Deverá, pois, nosso govêrno entabolar negociações diplomáticas com o govêrno alemão afim de que, nos

tratados comerciais entre ambos os países, sejam inseridas cláusulas que libertem o café brasileiro daquêles pesados gravames, a não ser que prefira a administração germânica aliviar, com relação aos cafés de tôdas as procedências, essas elevadas taxas e impostos.

COMÉRCIO DO BRASIL COM A REPÚBLICA DA ALEMANHA

EXPORTAÇÃO

ANO DE 1950

PRODUTOS	Ton.	Cr$ 1 000
Do acordo comercial:		
Cerdas e crinas animais	3	89
Peles silvestres e outras, preparadas ou não	15	679
Couros vacuns, salgados e secos	2 415	17 162
Fumo em fôlhas	9 063	109 374
Caroá	5	27
Piaçava	354	2 074
Sisal	3 298	19 491
Óleo de oiticica	135	980
Madeiras de lei	117	150
Pinho serrado ou compensado	131	451
Borracha (exclusive hevia brasiliensis)	20	294
Essências de frutas cítricas, de pau-rosa,óleo de hortelã pimenta e outros	20	388
Mica	Kg. 300	17
Pedras preciosas e semi-preciosas, em bruto ou trabalhadas	Kg. 2 368	925
Minérios metálicos	22 048	2 914
Algodão em rama	2 168	46 469
Linter de algodão	804	10 447
Mentol	1	532
Castanha do Pará c/casca	475	2 319
Banana	9 949	12 800
Laranja	3 500	6 916
Cacau em amêndoas	1 921	22 776
Café em grão	3 770	72 663
Matérias básicas vegetais e alcaloides (cafeina e seus sais, cloridrato de emetina, teobromina e seus sais e outros produtos licenciáveis	Kg. 200	29
Total do Acôrdo comercial	60 206	329 966
Extra Acôrdo	2 986	5 952
Total Geral	63 192	335 918

ALEMANHA OCIDENTAL

ALEMANHA ORIENTAL

Não há CAFÉ inferior quando se usa BENEFAX

Empregue BENEFAX

no tratamento do café em cereja e aumente seus lucros !

BENEFAX, o novo produto criado pelos cientistas da Standard Brands, Inc. eleva a percentagem de cafés finos em tôdas as safras: é um pó à base de enzimas, que acelera a digestão da mucilagem ou mel do café. Eis as grandes vantagens que BENEFAX oferece aos cafeicultores:

1. BENEFAX controla a fermentação e assim possibilita a padronização de um tipo superior de café.

2. Reduz o tempo de fermentação para seis a oito horas — o café pode ser colhido, despolpado e fermentado *no mesmo dia*, ficando em condições de ir para o secador.

3. Porque torna mais rápida a fermentação, BENEFAX aumenta a capacidade dos tanques na fôrça da safra, sem dispêndio de capital na sua ampliação.

IMPORTANTE!

1 Kg. de **BENEFAX** dá para 400 Kgs. de café despolpado. 1m³ equivale a 850 Kgs. de café despolpado e exige 2,125 Kgs. de **BENEFAX**.

Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturá-lo. Misture-se bem.

MANTENHA *Benefax bem fechado na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Assim êle conservará melhor suas propriedades.*

* * *

PARA MAIORES DETALHES DIRIJA-SE A

STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

CAIXA POSTAL 3215
RIO DE JANEIRO

A STANDARD BRANDS, INC. É UM DOS MAIORES COMPRADORES DE CAFÉ BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS.

Normas para a formação de um cafézal

(DIVULGAÇÃO DA SECÇÃO DE CAFÉ DO INSTITUTO AGRONÔMICO)

Diretor G. E. Teixeira Mendes

a) — **ESCOLHA DO LOCAL** — Em primeiro plano figura a escolha das terras, que devem ser de boa qualidade, o que é atestado pelos **padrões** existentes, muito conhecidos dos lavradores práticos. A altitude tem também que ser observada, não convindo formar cafèzais em locais muito baixos, que seriam fàcilmente atingidos pela geada. Em último lugar vem a escolha da **face,** devendo-se sempre dar preferência àquela que não for castigada pelo vento dominante na região (em geral vento sul). Se não houver possibilidade de se usar a melhor **face,** deverá então ser deixada uma faixa de mato que proteja a plantação, ainda que precàriamente, dos efeitos nocivos dos ventos.

b) — **ESCOLHA DA VARIEDADE** — Para as terras de derrubada recente deve-se preferir a variedade **Bourbon,** que é grandemente produtiva e exige terrenos muito férteis. Deve-se procurar obter semente em boa fonte, isto é, uma fazenda que possua um **campo de aumento,** plantado com mudas oriundas de sementes selecionadas. Atualmente as linhagens selecionadas do **Bourbon vermelho** já estão disseminadas por várias fazendas do Estado, sendo fácil obter a quantidade de sementes de que se necessita. Não existem ainda campos de aumento em produção da variedade **Bourbon amarelo**, não convindo porisso adquirir sementes dessa variedade em qualquer local. Dentro de mais alguns anos o I.A. estará em condições de fornecer sementes selecionada dessa variedade.

A variedade Caturra é de pequeno porte, sendo necessário plantá-la em espaçamento menor do que o empregado para as outras variedades. É aconselhável principalmente para aqueles que dispõem de pequenas áreas e querem fazer uma cultura intensiva do cafeeiro. Já há também **campos de aumento** dessa variedade em fazendas particulares, onde é possivel obter-se boa semente.

c) — **PREPARO DAS SEMENTES** — As sementes podem ser preparadas de duas formas: a) em côco; b) em pergaminho.

No primeiro caso faz-se a colheita do café em cereja e procede-se à secagem à sombra; no segundo, colhido também o café em cereja, é em seguida despolpado, ligeiramente fermentado (durante dez ou doze horas) e cuidadosamente lavado; em seguida a secagem também é feita à sombra. As sementes despolpadas germinam mais ràpidamente e pode se fazer uma distribuição melhor nas covas.

É preciso que as sementes sejam obtidas com a necessária antecedência (de abril em diante) para que não se corra o perigo de haver falta na ocasião da semeadura.

d) — **PREPARO DO TERRENO** — O terreno deverá ser conve-

nientemente preparado. A mata será derrubada, aproveitando-se tanto quanto possível a madeira de lei existente. O ideal seria não se fazer a queimada. Si se proceder assim, ter-se-á poupado uma grande quantidade de matéria orgânica no solo. Se for imprescindível recorrer-se a êste meio de desatravancamento do terreno, convirá procurar atear o fogo após um período de chuva, para que a queima tenha apenas o papel que se lhe quer dar: o de eliminar o excesso de tranqueira existente.

d) — **ALINHAMENTO** — Até muito recentemente toda a lavoura cafeeira de São Paulo era plantada em alinhamento, seja em quadra ou em quinquôncio, sem haver a menor preocupação em se defender o terreno da erosão. Se não for viável a plantação em linhas de nível, o cafèzal será alinhado em quadrado, dentro de talhões previamente delimitados. Cada talhão não deverá exceder de uns 5.000 (cinco mil) cafeeiros e deverá ser todo tabelado, para haver facilidade na distribuição de serviço, no estabelecimento de contratos, na colheita, etc..

f) — **PLANTAÇÃO EM LINHAS DE NÍVEL** — Muito mais racional do que o plantio em alinhamento rígido é a distribuição das plantas no terreno, de acôrdo com as linhas de nível. Para isso tiram-se linhas básicas, com instrumento ou com nível de borracha. A distância de uma linha básica até a seguinte é determinada pela inclinação do terreno e pelo tipo do solo. Já há tabelas para isso (ver o trabalho publicado no "Boletim da Superintêndencia dos Serviços do Café", sob o título "Conservação do Solo", por J. Quintiliano de Avelar Marques).

Na plantação em nível deve ser dada maior distância entre as linhas, diminuindo-se o espaçamento entre as plantas. Em terras de fertilidade média o espaçamento entre as linhas poderá ser de 4 m e entre as plantas na linha, de 2 a 2,5 m entre plantas. A plantação assim estará em condições de ser mecanizada, podendo as máquinas trabalhar nas linhas e só ficando os espaços entre os cafeeiros para serem carpidas a enxada.

g) — **COVEAMENTO** — Determinado o modo de se plantar, far-se-á o coveamento. As covas devem ter, no mínimo, 40 x 40 x 40 cm.

h) — **SEMEAÇÃO** — A semeação é feita na cova em duas linhas paralelas, colocando-se 10 (dez) sementes em cada linha, ou sejam 20 (vinte) na cova bem distribuidas. A melhor época é a de outubro-novembro, logo depois de bem iniciadas as chuvas. As covas devem ser bem baldramadas, para evitar que caia terra, o que impediria a germinação normal das sementes. Deve, também ser feitas uma arapuca, para proteger as mudinhas, durante o seu primeiro desenvolvimento, dos raios diretos do sol.

A semeação do café se faz em nível inferior do da terra, isto é, a uns 10 cm de profundidade na cova. Por sôbre as sementes se coloca uma camada de apenas 1 cm de terra.

i) — **DESBASTE** — Depois de germinadas e quando já com um certo desenvolvimento, não havendo mais perigo de perdas, faz-se o desbaste, deixando-se 4 a 6 plantas por cova. O critério a adotar é o do que devem permanecer as plantas mais vigorosas e tanto quanto possível melhor distribuidas na cova, preferindo-se as mais afastadas, para se formar um pé de café bem aberto.

j) — **CULTURAS INTERCALARES** — Seria preferível não fazê-las. No entanto, na atualidade isso é absolutamente impossível durante o período de formação do cafèzal. O contrato, no entanto, com os empreiteiros deve estipular, claramente, que depois do 4º ano será feita a entrega da lavoura, não se permitindo mais, fazer qualquer cultura intercalar.

É preciso se ter sempre em mente: qualquer cultura intercalar no cafèzal é absolutamente prejudicial.

k) — **DEFESA CONTRA A EROSÃO** — Depois de recebida a lavoura, se não foi plantada em nível é preciso que se inicie imediatamente o serviço de defesa contra a erosão. O melhor sistema é o das curvas de nível cordões em contôrno. Também aqui a distância entre uma curva e outra é estabelecido pelo tipo do solo e inclinação do terreno, havendo tabelas para se fazer o cálculo (ver trabalho citado).

Se não se puder fazer todo o serviço em um ano, faça-se em 2 ou 3, iniciando-se sempre pela parte mais alta do terreno e descendo com êle até atingir os partes mais baixas.

O lavrador de café não se deve esquecer de que a erosão rouba mais elementos fertilizantes do solo do que qualquer colheita.

1) — Não é por se tratar de lavoura nova que não se deve cogitar da adubação. Do 8º ano em diante, quando o cafèzal entra em plena produção, é preciso que se restituam os elementos que vão sendo exportados com a produção. Nessa ocasião deverá ser consultado o AGRÔNOMO REGIONAL para se saber como proceder.

Desde logo, porém deve ficar bem claro que toda palha de café deve retornar ao cafèzal e que toda a matéria orgânica disponível na fazenda, tal como bateduras de outras culturas, serapilhadeira, etc., deve também ser encaminhada ao cafèzal.

Nessa ocasião também é preciso que se organize a produção de estêrco, o que poderá ser feito com a construção de mangueirões onde o gado pouse preso.

Sais de
POTASSA
da Alsacia
UM ADUBO DE QUALIDADE
PARA OBTER CAFÉS EM QUANTIDADE
Delegado para América do Sul da Société Commerciale des Potasses d'Alsace (França)
AVENIDA IPIRANGA, 674 — SALAS, 708 a 712 — CAIXA POSTAL 6082
FONE, 34-1247 — SÃO PAULO

ENSAIO PRELIMINAR DE IRRIGAÇÃO DE CAFÉ

Eng. Agr. WALTER LAZZARINI
Chefe da Estação Experimental de Ribeirão Preto

1. INTRODUÇÃO

É fenômeno bastante conhecido dos lavradores de café a variação brusca de produção de um ano para outro. Quase sempre se verifica que a um ano de boa produção segue outro de produção pequena.

Essa variação é mais acentuada quando depois de um ano de produção relativamente muito elevada segue-se o período das sêcas — maio a setembro — com baixa precipitação pluviométrica.

Êsse fato pode ser explicado pelo esgotamento da planta e pela dificuldade de recuperação devida à pequena umidade existente no solo.

Estudando-se o quadro de chuvas, obtido por medições feitas na Estação Experimental de Ribeirão Preto, desde 1937, observa-se que as médias dos mêses de maio a setembro são excessivamente baixas. A variação de um ano para outro é, porém, muito grande, dificultando muitas vêzes qualquer cálculo que se queira fazer baseado nelas. Basta, para comprovar essa afirmativa, verificar-se a precipitação pluviométrica do mês de setembro, por exemplo, cuja média de 15 anos é de 38,3 milímetros, e na qual se acham computados os anos extremos de 1941 com 217,4 milímetros e 1951 com zero. Como êsse, verificam-se outros casos conforme se vê no quadro nº 1.

Êsse quadro mostra, que os mêses de maio a setembro são no geral excessivamente sêcos, dificultando nessa época a vida normal do cafeeiro, o que é traduzido pelo fenômeno comum, verificado quase todos os anos, da queda das folhas, ficando as lavouras em "varas" no fim dêsse período.

O conhecimento dêsse fato levou o Instituto Agronômico do Estado de S. Paulo, pela sua Secção de Café a efetuar uma investigação preliminar sôbre a irrigação de café, na Estação Experimental de Ribeirão Preto, cujos resultados nos parecem de grande importância na época atual, não só devido aos preços do café se manterem bastante elevados, como também em virtude dos progressos técnicos verificados no problema de irrigação, que a tornaram relativamente fácil e economicamente exequível em áreas grandes.

O ensaio foi instalado pelo eng. agrônomo Antonio Gentil Gomes, mantido na administração daquele técnico, na do eng. agrônomo Oswal-

QUADRO 1 — Precipitação pluviométrica na Estação Experimental de Ribeirão Preto — 15 anos — 1937 a 1951 — Chuvas em mm

ANOS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO
1937	396,3	126,2	134,2	188,1	52,6	32,1	0,0	14,4	5,0	179,0	265,7	352,0	1.745,6
1938	244,8	119,0	140,7	47,2	119,1	0,0	0,0	7,3	32,9	171,5	111,6	306,7	1.300,8
1939	270,0	221,2	124,2	67,5	123,8	66,2	23,0	0,0	43,9	47,0	227,0	263,3	1.477,1
1940	357,2	308,0	80,1	15,4	34,1	0,0	0,8	3,4	22,4	117,8	234,1	186,1	1.359,4
1941	214,4	58,7	50,6	80,0	15,0	1,3	31,4	2,4	217,4	49,5	264,0	172,2	1.156,9
1942	179,7	309,8	287,7	113,0	14,9	6,7	4,0	8,6	20,0	114,9	129,6	390,9	1.579,8
1943	464,1	221,4	149,0	44,4	0,2	23,2	0,0	0,0	50,1	170,0	89,5	279,5	1.491,4
1944	211,9	160,5	118,1	78,6	0,0	0,0	1,2	0,0	6,2	26,4	99,5	33,0	735,4
1945	303,4	256,5	279,5	45,7	4,1	35,4	11,8	0,0	22,6	157,6	240,9	299,6	1.657,.
1946	202,5	197,7	174,6	52,6	3,0	6,0	60,0	0,0	30,7	105,2	170,2	233,7	1.236,2
1947	341,7	162,4	384,5	7,0	15,0	25,6	18,9	62,2	92,4	142,6	121,9	177,1	1.551,3
1948	170,7	309,5	228,3	0,0	17,1	0,0	17,7	8,7	12,0	66,6	144,8	189,5	1.164,9
1949	235,5	254,6	117,7	73,1	41,0	24,9	0,0	0,0	0,0	66,8	113,2	489,1	1.415,9
1950	344,6	242,4	182,0	91,9	0,0	1,4	14,2	0,0	19,2	196,8	184,8	225,4	1.502,7
1951	579,9	230,4	172,0	67,0	8,6	7,5	0,5	12,9	0,0	99,6	242,4	157,4	1.578,2
MÉDIA	301,1	211,8	174,8	64,7	29,9	15,3	12,2	7,9	38,3	114,0	175,9	250,3	1.396,8

do Augusto Mamprim e na do atual chefe da Estação Experimental de Ribeirão Preto.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A experiência teve início no ano de 1944, fazendo-se irrigação por infiltração de 100 cafeeiros escolhidos em parte da lavoura mais ou menos uniforme, deixando-se 3 lotes de 100 pés cada um, para testemunha sem irrigação. Procurou-se tanto quanto possível, tratar os quatro lotes do mesmo modo, de forma que a única diferença entre êles fosse a irrigação.

Os cafeeiros são de uma lavoura normal de cêrca de 35 anos, plantada mais ou menos a 16 palmos. A área total ocupada por êsses 100 cafeeiros é de 1,280 m², o que dá em média 12,8 m² por planta.

Entre as plantas desses lotes encontram-se as variações comuns aos cafèzais da zona. A variedade predominante é Bourbon vermelho.

Nos 6 primeiros anos — 1944 a 1949 — não foi feita adubação alguma. Esta operação começou a ser feita no 7º ano, com um jacá de estêrco, 300 gr de farinha de ossos e 100 gr de cloreto de potássio, por planta, tanto para os cafeeiros irrigados como para os não irrigados.

A água foi aproveitada de um poço arteziano, recalcada para uma caixa de abastecimento da sede da Estação Experimental, sendo daí conduzida, por canaletas de tijolos rejuntados com cimento, até as ruas de café.

Em cada rua há uma saida de água, para irrigar 10 pés seguidos, fazendo-se uma bacia em cada um, que é inundada toda vêz que se irriga

3. QUANTIDADE DE ÁGUA À DISPOSIÇÃO DOS CAFEEIROS NO LOTE IRRIGADO

As irrigações não obedeceram a critério fixo. Em alguns anos começaram em maio e eu outros sòmente em agôsto e em certas ocasiões não foi possível fazer a irrigação por deficiência de energia elétrica, ou outros contratempos. A quantidade de água também foi variável.

No primeiro ano — 1944 — as irrigações foram feitas semanalmente, com início no dia 5 de julho. Não temos os dados do número de irrigações feitas e da quantidade de água usada nesse ano.

O quadro nº 2 mostra como foram feitas as irrigações nos diversos anos.

A quantidade de água foi medida por um vertedouro triangular de 90º, tomando-se a altura da água de 10 em 10 minutos.

A quantidade total de água fornecida aos cafeeiros do lote irrigado será, evidentemente, a que foi fornecida pela irrigação e pelas chuvas, no período em que a operação se realizou.

Se considerarmos a quantidade de água como se fosse distribuida uniformemente, iriamos ter o quadro que se segue.

Demos para êsse quadro uma distribuição teórica das chuvas e irrigações. Evidentemente, pelo que já relatamos, a média mensal de água

QUADRO 2: — Irrigações efetuadas

ANO	DATAS Dia	DATAS Mês	Tempo H.Min.	Altura da água no vertedouro. Cm.	Vasão 1/seg	Litros por cafeeiro
	25	julho	1,40	10,5	5,0	300
	11	agôsto	2,21	10,9	5,5	465
1945	22	agôsto	1,52	11,9	6,9	465
	5	setembro	1,29	14,9	12,0	640
	27	setembro	2,00	12,7	8,0	575
	2	agôsto	3,06	11,6	6,4	715
1946	14	agôsto	1,44	13,8	9,9	620
	1	setembro	1,41	14,6	11,3	685
	15	setembro	1,46	14,8	11,8	750
	13	maio	2,22	13,5	9,4	800
	31	maio	1,47	14,1	10,4	670
1947	16	junho	1,51	16,0	14,3	950
	5	julho	1,26	14,5	11,2	580
	31	julho	1,53	13,9	10,1	685
	16	agôsto	1,47	13,9	10,1	650
	14	julho	3,32	8,1	2,6	330
	23	julho	2,18	10,5	5,0	415
	17	agôsto	2,49	9,5	3,9	395
1948	1	setembro	1,58	10,6	5,2	370
	8	setembro	1,40	12,0	7,0	420
	15	setembro	1,55	10,8	5,4	375
	22	setembro	1,51	11,7	6,6	440
	6	junho	2,40	10,9	5,5	530
	27	junho	1,59	11,2	5,9	420
	11	julho	3,05	9,8	4,2	465
	25	julho	2,10	11,8	6,7	525
1949	8	agôsto	1,40	12,6	7,8	470
	22	agôsto	1,40	12,7	8,0	480
	5	setembro	1,54	11,8	6,7	460
	19	setembro	2,28	9,7	4,1	365
	3	outubro	2,22	10,0	4,5	385
	23	maio	2,24	13,8	9,9	855
	6	junho	1,54	12,8	8,2	510
	20	junho	1,30	11,2	5,9	320
	11	julho	1,52	12,1	7,1	475
1950	25	julho	1,45	13,1	8,7	550
	8	agôsto	2,23	12,3	7,4	635
	21	agôsto	1,44	14,0	10,3	645
	5	setembro	1,51	14,5	11,2	745
	21	setembro	1,53	13,2	8,9	605
	4	outubro	1,40	13,0	8,5	510

QUADRO 3 — Distribuição esquemática das chuvas e irrigações

Ano	Irrigações		IRRIGAÇÃO Quantidade de água em milímetros			Chuvas maio a setembro	Chuvas + irrigação maio a setembro	Média mensal de água maio a setembro
	N.º	Mêses	Por vez	Por mês	Total			
						mm	mm	mm
1944	?	?	?	?	?	7,4	?	?
1945	5	3	38,2	63,7	191,0	73,9	264,9	53,0
1946	4	2	54,1	108,1	216,2	99,7	315,9	63,2
1947	6	4	56,4	84,6	338,6	214,1	552,3	110,5
1948	7	3	30,6	71,4	214,1	55,5	269,6	53,9
1949	9	5	35,5	63,9	319,6	65,9	385,5	77,1
1950	10	6	45,8	76,4	458,4	34,8	493,2	98,6

Obs. Nesse quadro as irrigações feitas em princípios de outubro foram incluidas no total de maio-setembro.

(chuvas + irrigação) é apenas a média matemática do total de água que recebeu o terreno, no período de maio a setembro, dividido pelo número de mêses que compreende êsse período.

Já vimos que em alguns anos não se fez irrigação em todos êsses meses, mas apenas em alguns.

Em trabalho recente, Franco e Inforzato (1) estudaram a transpiração do cafeeiro. Os dados apresentados auxiliam grandemente a entender o fenômeno da escassês de água para a econômia do cafeeiro no período da sêca.

Êsses autôres verificaram ser a transpiração do cafeeiro, nos meses de maio a setembro, em ótimas condições de umidade, equivalente a precipitação pluviométricas que atinjam a 230 milímetros. Aí não estão computados as evaporações diretas do sôlo, transpiração das ervas más, ou qualquer outra perda de água.

Verifica-se pelo quadro Nº 3, que nas condições dêstes 7 anos de experiência o regime de chuvas sempre foi muito abaixo daquela quantidade. Apenas no ano de 1947 êsse **deficit** foi menor, pois que as precipitações atingiram a 214,1 mm, no período considerado.

Notamos também pelo quadro Nº 3, que teóricamente, a quantidade de água recebida pelo lote irrigado de nossa experiência foi em todos os anos maior do que os 230 milímetros citados por aqueles autôres.

(1) Franco, Coaraci M., e Inforzato, R. — Quantidade de água transpirada pelo cafeeiro cultivado ao sol. Bragantia **10** (9); 247-257, 1950.

4 — RESULTADOS

4.1 Produção

As produções obtidas nos lotes irrigados e não irrigados foram pesadas e medidas e depois de sêco, o café foi beneficiado, convertendo-se o resultado em arrobas por 1.000 cafeeiros como é usual na cultura cafeeira. Foram os seguintes os resultados obtidos até agora.

QUADRO 4 — Produção

	Quantidade de água de maio a setembro			Colheitas	Produção Arrobas por 1.000 pés		Aumento
	Chuvas	Irrig.	Total	dos anos	Irrig.	Não irrig.	%
	mm	mm	mm				
1944...	7,4	?	—	1945	27	14	93
1945...	73,9	191,0	264,9	1946	42	26	60
1946...	99,7	216,2	315,9	1947	21	8	163
1947...	214,1	338,2	552,3	1948	86	38	126
1948...	55,5	214,1	269,6	1949	12	8	50
1949...	65,9	319,6	385,5	1950	55	21	162
1950...	34,8	458,4	493,2	1951	41	15	173
Média					**41**	**19**	**119**

Por êsses dados se verifica que o aumento de produção é bastante elevado. A média das sete colheitas foi para o lote irrigado de 41 arrobas por mil cafeeiros, contra 19 dos lotes não irrigados, portanto mais do que o dôbro. O menor aumento verificado foi de 50% no ano de 1949, que foi também o de pior produção, e a maior diferença foi a do ano de 1951, com aumento de 173%, quando todos os lotes haviam sido adubados.

4.2 Rendimento

Nos anos de 1950 e 1951 foi determinado o rendimento de café beneficiado do lote irrigado e dos não irrigados.

Essas determinações foram feitas em amostras de 10 kg de café de colheita comum as quais sêcas e beneficiadas deram as quantidades de café limpo anotadas no quadro Nº 5.

QUADRO 5 — Rendimento de café limpo em amostras de 10 kg de café de colheita.

Anos	Irrigado	Não irrigado	Diferença
	gr	gr	%
1950	1,900	1,610	18
1951	1,750	1,497	17
Média	1,825	1,554	17

A média de rendimento do lote irrigado foi de 1,825 gr. de café beneficiado para 10 kg de café de colheita, ao passo que o não irrigado teve apenas 1,554 gr o que dá ao irrigado cêrca de 17% a mais de rendimento.

4.3. Maturação

No ano de 1950 foi feita a determinação de maturação do café desta experiência. Escolhemos ao acaso 6 plantas do lote irrigado e 6 outras nos não irrigados. Em cada uma delas foram marcados 3 ramos, sendo um na parte superior, um na parte média e outro na parte inferior da planta.

A partir do 1º de fevereiro mensalmente até 1º de novembro foram contados os frutos verdes, maduros, sêcos e por diferença foram obtidos os caidos. Inicialmente existiam 999 frutos no lote irrigado e 517 nos não irrigados. Nas contagens sucessivas foram sendo obtidos os dados que constam do quadro N.º 6.

QUADRO 6 — Maturação do café em número de frutos

Data 1950	Irrigado				Não irrigado			
	verdes	madur.	sêcos	caidos	verdes	madur.	sêcos	caidos
1.º fevereiro	517	0	0	—	958	41	0	—
1.º março	496	2	0	19	742	65	82	110
1.º abril	433	45	12	27	412	257	119	211
1.º maio	124	288	55	50	74	341	306	278
1.º junho	1	210	201	105	1	224	345	429
1.º julho	0	83	321	113	1	107	442	449
1.º agôsto	0	0	374	143	0	33	491	475
1.º setembro	0	0	311	206	0	3	463	533
1.º outubro	0	0	68	449	0	0	48	951
1.º novembro ...	0	0	45	472	0	0	21	978

Transformando-se os números de frutos de cada categoria em percentagem, obtem-se os dados do quadro N.º 7, que dão melhor idéia da maturação.

QUADRO 7 — Maturação do café em percentagem

Data 1950	Irrigado				Não irrigado			
	verdes	madur.	sêcos	caidos	verdes	madur.	sêcos	caidos
1.º fevereiro	96	4	0	0	100	0	0	0
1.º março	74	7	8	11	96	0	0	4
1.º abril	41	26	12	21	84	9	1	6
1.º maio	7	34	31	28	24	51	11	10
1.º junho	0	22	35	43	0	41	39	20
1.º julho	0	11	44	45	0	16	62	22
1.º agôsto	0	3	49	48	0	0	72	28
1.º setembro	0	0	47	53	0	0	60	40
1.º outubro	0	0	5	95	0	0	13	87
1.º novembro	0	0	2	98	0	0	9	91

Observa-se por êsses dados que no lote irrigado além de haver antecipação, há ainda menos uniformidade e queda de frutos mais cedo, o que sem dúvida constitui inconveniente.

Êsse fato é devido às floradas do lote irrigado serem em maior número, com pegamento de frutos de todas as floradas.

4 — CONCLUSÕES

Pelos dados obtidos no ensaio de irrigação da Estação Experimental de Ribeirão Preto essa prática se reveste de grande importância para as condições atuais da nossa cultura cafeeira, podendo mesmo mudar o panorama das chamadas zonas velhas, produtoras de café finos, que terão na irrigação um modo seguro de aumentar a produção dos cafeeiros.

Embora o processo usado fosse o de infiltração, pode-se esperar resultados semelhantes e possìvelmente melhor, principalmente nas terras roxas de grande infiltração, pode-se esperar resultado semelhante e possìvelmente melhor, principalmente nas terras roxas de grande infiltração, com o processo de aspersão, técnicamente mais eficiente, já usado em larga escala em diversos países e que nesta zona alguns lavradores experimentaram, com ótimos resultados.

Observações feitas nas plantas irrigadas indicam que quando elas se acham definhadas, mal conformadas, ainda produzem mais que outras em igualdade de condições não irrigadas, porém o aumento de produção provàvelmente não será econômico.

Como o trabalho de irrigação é relativamente caro somos de opinião que só se deva executá-lo em cafeeiros de boa constituição, capazes de produzir safras grandes, e que estejam em boas condições de

trato e adubação corretas. Evita-se assim o esgotamento do solo e da planta. Esta, depois de uma grande produção, forçada pelo acréscimo de água no período sêco, se não encontrar elementos nutritivos suficientes no solo, estará em más condições para suportar uma nova produção.

Pelos dados de maturação, embora determinados em um ano apenas, é de se supor que a irrigação venha obrigar a antecipação da colheita de cêrca de um mês e mesmo a necessidade de se fazer mais rápidamente a colheita, para evitar perdas do café caido, o que criará algumas dificuldades para as fazendas. O estudo mais detalhado da época da irrigação provàvelmente resolverá esta face do problema.

Em dois anos de determinações houve patente melhoria de rendimento no benefício, devido a irrigação sendo em média de 17%, que é considerável. Assim, por exemplo, uma lavoura em que o rendimento médio fosse de 17 kg de café beneficiado, por saco de café em côco, teria com a irrigação elevado êsse rendimento para quase 20 kg.

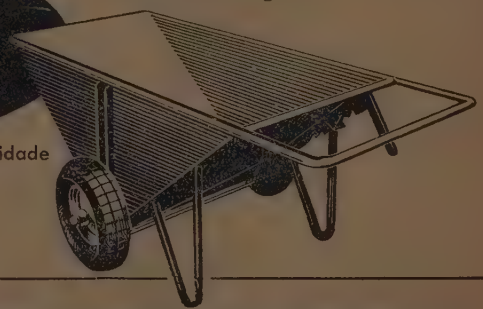
Ainda que julguemos dever-se, em princípio, incentivar a irrigação da cultura cafeeira, sem temor de fracasso, reconhecemos estar, a experimentação entre nós, nesse setor, apenas iniciada, devendo trabalhos posteriores esclarecerem melhor muitos pontos de dúvida, ressaltando entre êles a quantidade de água a ser usada, espaço de tempo entre as irrigações, adubações, sombreamento e outras questões que serão alteradas quando se fizer a irrigação.

Espalhe mais café no
TERREIRO
em menos tempo e em qualquer espessura

CARRINHO
MÓCA
de abertura regulável

Procure o revendedor de sua cidade

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:
- Capacidade para 250 litros de cada vez
- Rodas com pneus e camaras de ar
- Rolamentos de roletes
- Caçamba crivada p/escoamento de água
- Pintura anti-ferruginosa



UM PRODUTO
Pontal
MATERIAL RODANTE
PIONEIROS DO TRANSPORTE AGRÍCOLA ADEQUADO AO BRASIL

FABRICANTES:
INDÚSTRIAS GASTÃO PINATEL
Construções Mecânicas e Metálicas Ltda.

EXPOSIÇÃO E LOJA:
Rua Don Bosco, 148 (Moóca) Fones 33-4609
e 32-0758 – End. Tel.: TELPINA – São Paulo

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Birigui
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est. Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabí
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

O CAFÉ NO ESPÍRITO SANTO

I

PRODUZ-SE NA ZONA NORTE CÊRCA DE METADE DA RUBIÁCEA ATUALMENTE COLHIDA NO ESTADO

A TERRA ENCARECE E SURGEM NOVAS PLANTAÇÕES — DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DE GÊNEROS ESSENCIAIS — A ÁREA DO CAFÉ SOMBREADO —

SALVIO PACHECO DE ALMEIDA PRADO
(Diretor do Departamento de Cafeicultura da FARESP)

Com uma superfície de cêrca de 45 mil quilômetros quadrados, compõe-se o Estado do Espírito Santo, na quase sua totalidade, de terras férteis. A não ser a faixa litorânea, onde são estas mais fracas, no resto do Estado (mais ou menos em quatro quintos do seu total) compõe-se de terras massapé do mais elevado índice cultural, possuindo com abundância os mais categorizados padrões vegetativos de fertilidade. Sua topografia é na generalidade montanhosa, havendo algumas áreas de conformação plana, notadamente nas esplanadas marginais do rio Doce, onde são elas absolutamente planas. Esta área, ubêrrima, que servirá para tudo o que se queira ali cultivar, deve contar com cêrca de 120 mil alqueires paulistas. Suas altitudes variam desde alguns metros acima do nível do mar, nas faixas litorâneas, até 700 metros, nas proximidades da serra. No entanto, as terras aproveitadas com as culturas existentes, assim como as reservas em matas virgens, estão entre 80 e 150 metros de altitude.

O Estado é muito rico em águas, correndo quase todos os seus rios sobre pedras, começando as elevações junto às suas margens, não havendo portanto banhados que originam sempre o impaludismo. Os rios Doce, São Mateus e Itapemirim são navegáveis em parte de seus cursos, passando a encachoeirar-se a certa altura, o que acontece com quase todos os demais cursos dágua de menor volume possibilitando ao Estado grande aproveitamento futuro, de energia elétrica.

Suas reservas em matas, ainda elevadas, são muito ricas em madeira de lei, exploração que representa uma das riquezas do prôspero Estado.

É o Estado servido pelas ferrovias Leopoldina e Vitória-Minas, bem como dotado de excelentes estradas de rodagem, pelas quais se pode percorrer todo o seu pequeno território.

Suas principais riquezas além das extrativas, são: o café, a madeira e o cacau. Tem também uma bem organizada indústria pastoril, cujo rebanho supre as necessidades do consumo do Estado.

SITUAÇÃO ECONÔMICA FINANCEIRA

Encontra-se o pequeno Estado em excelente situação econômico-financeira, não tendo, segundo nos informou o secretário da Fazenda, dívida alguma e possui ainda saldo em caixa. Seu orçamento atinge cérca de meio bilhão de cruzeiros.

Bem compreendendo sua indesviável tendência agrícola para o total aproveitamento de suas fertilíssimas terras, seu dinâmico govêrno acaba de desdobrar da Secretaría de Viação e Obras, à qual estava conjugada, a Secretaría da Agricultura, que passou a ter ação autônoma. Sobre os planos desta, tivemos a oportunidade de ouvir do governador Jones dos Santos Neves e do seu primeiro titular, Enrico Ruschi, que são eles calcados nos trabalhos aqui realizados pela nossa Secretaría do setor agrícola. Agrônomos paulistas especializados já lá estiveram, estudando as condições e necessidades locais para um perfeito serviço de assistência e orientação aos agricultores capixabas.

Embora pequenino, representa o Estado do Espírito Santo um exemplo a ser seguido pelos demais Estados da Federação.

AS ZONAS CAFEEIRAS

As regiões cafeeiras do Estado podem ser divididas distintamente em três. A zona velha, ao sul, a zona dos cafés sombreados — o conhecido café capitania — e a zona nova, que tem por capital a cidade de Colatina.

A zona velha compõe-se das areas do sul do Estado e tem por capital a cidade de Cachoeira do Itapemirim, cidade cortada pelo rio, contando com cerca de 30 mil habitantes. Ali estão localizadas as antigas e maiores fazendas do Estado, produzindo cêrca de 40% da safra estadual. A zona dos cafés sombreados se compõe das áreas entre o mar e as elevações serranas, produzindo cêrca de 10% dos cafés do Estado. Na zona norte, a região nova, as lavouras são mais viçosas e subdivididas. Colatina, uma cidade cortada pelo rio Doce, que é navegável até ali, representa nessa área o papel de Londrina no norte do Paraná. A cidade, de cerca de 20 mil habitantes, dispõe de uma ponte sobre o rio Doce, que mede mais ou menos um quilômetro, e está em franco progresso. Abrem-se ali largas ruas com demolições em massa, surgindo com frequência novas construções, sendo ali onde se concentram os corretores de terras, fazendas e mercadorias. É a cidade servida por estrada de ferro, por onde passa o minério vindo de Minas com destino ao embarcadouro especializado do porto de Vitória, para sua exportação.

TERRAS CARAS E LAVOURAS NOVAS

A procura de terras, com a consequente valorização, é bastante intensa na região, onde o alqueire custa de oito a dez mil cruzeiros o que vem a dar quatro a cinco mil cruzeiros por alqueire paulista, pois ali vigoram a medida mineira de alqueire duplo.

Conquanto não existe um "rush" de novas plantações, como no norte do Paraná, nota-se, viajando-se pela estrada de rodagem de São Mateus para Colatina, inúmeras lavouras novas. Estas não são originárias de capitais ou trabalhadores vindo de fora, como ocorre naquele Estado do Sul, e sim pelos próprios lavradores locais que, seduzidos pelos elevados rendimentos que os preços atuais do café proporcionam dedicam a ele maior atenção.

FALTA DE GÊNEROS ALIMENTICIOS

Os lavradores locais, que tiveram este ano uma safra boa (O Estado do Espírito Santo produziu na safra 50/51 cerca de dois milhões de sacas de café), cuidaram de melhorar suas condições de vida, gastando mais em alimentação. Achando mais interesssante comprar cereais e outros gêneros do que plantar, criaram uma crise no suprimento de alimentos de primeira necessidade, fato que está preocupando sériamente a administração pública do Estado. Onde essa êuforia de gastos mais se expressou, segundo nos informaram, foi nas compras de bicicletas e máquinas de costuras, aquelas para os filhos e estas para as filhas. Assim é muito comum encontrar-se nas estradas que cortam as zonas cafeeiras do Estado, grande quantidade de ciclistas, o que lhes dá um aspecto esportivo e pitoresco.

(Da Folha da Manhã, 30-4-1952)

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

II

EXCETO NA REGIÃO SULINA DO ESTADO, A RUBIÁCEA CONSTITUI LAVOURA DE PEQUENOS PROPRIETÁRIOS

O CAFÉ É CONTADO POR ÁREA E NÃO POR MIL PÉS — PLANTAÇÕES NAS ENCOSTAS — NÃO SE VERIFICA A EXISTÊNCIA DE PRAGAS — BAIXO O CUSTO DE PRODUÇÃO

SALVIO PACHECO DE ALMEIDA PRADO
(Diretor do Departamento de Cafeicultura da FARESP)

A população rural do Estado do Espírito Santo é constituida na sua generalidade por nacionais, uma vez que não houve corrente imigratória estrangeira para lá encaminhada. Há pequena parcela de brasileiros dos Estados limítrofes, notadamente mineiros e fluminenses.

É, a maneira do cultivo do cafeeiro no Espírito Santo, completamente diferente do sistema usado em São Paulo e no Paraná. Não se cultiva café ali por unidade de árvore e sim por área. Ninguem sabe quantos cafeeiros possui o Estado, não sabendo mesmo cada lavrador quantos pés de café existem em sua lavoura. As plantações ali são em "moitas", cujas áreas variam de uma quadra a cinco alqueires, aumentando de área para o sul, onde há algumas fazendas maiores cujas produções atingem até 40 mil arrobas, medida pela qual, se estabelece ali o critério do julgamento do tamanho das fazendas. Geralmente, as "moitas" pertencem aos próprios trabalhadores, que, quando não podem tratar de toda a lavoura que possuem, tomam trabalhadores a meia. Este é o sistema vigorante também para os fazendeiros do Estado, não existindo ali o colonato. Quando o tratamento não é feito nesse sistema, vigora o pagamento "por dia", que custa presentemente 20 cruzeiros a seco, ou menos com comida. Este, contudo, é muito raro.

A não ser no sul, onde existem fazendas maiores e geralmente mistas de criação, com organização de sede semelhante às de São Paulo, o café constitui geralmente lavoura de pequenos sitiantes. Tem eles, alem da "moita" cafeeira, uma pequena pastagem e pequenas plantações de cereais, estas últimamente relegadas pelo maior interesse que desperta o café. As áreas de cada sitiante variam muito, sendo que o tamanho inicial fixado pelo Estado para concessão de terras devolutas andava entre 50 a 80 alqueires.

As plantações são feitas nas encostas, variando seu espaçamento, em palmos, de 6 por 8, até 10 por 12 — estas mais comuns na região sul — sendo que a quase totalidade das lavouras é de pequeno espaçamento. Com este sistema, leva um alqueire de terra plantada em café de duas a duas e meia vezes a quantidade usada aqui no sul, o que leva a considerar o rendimento das lavouras por área e não por unidade de planta, como é por aqui usado. Como o espaçamento é diminuto entre as árvores, que são plantadas de duas mudas por cova, há um comple-

to sombreamento no solo, fato que, defendendo-o do prejudicial ensolaramento das terras, faz com que não dê mato, facilitando o tratamento das lavouras. Embora a constituição das terras seja ali muito acidentada, não se nota o efeito danoso da erosão. Este fato foi constatado em sulcos entre as linhas de plantações do café, nas lavouras mais velha do sul do Estado. Diante da constituição solida da terra massapé e da menor superficie captadora das aguas pluviais, (não havendo espigões longos, a chuva de cada plantação se limita à sua própria área), não há campo para o acúmulo das enxurradas como aqui, onde se tornam verdadeiros rios quando do meio do espigão para baixo; talvez sejam essas as razões de não notar-se nas culturas daquele Estado os efeitos da erosão. E isso apesar de que, por um erro técnico incompreensível, as plantações têm o espaçamento mais longo a favor das águas.

Predomina, nas plantações ao sol, a variedade do café antigo, também conhecido por "comum" ou "chato".

Não existem nas lavouras infestações de pragas, não sendo visível ali o "bicho mineiro". A infestação da broca do café é ali insignificante. Constatamos, em todo o circuito que tivemos oportunidade de fazer, mínimas infestações no sul do Estado.

Consiste o tratamento do café em quase todo o Estado, onde as lavouras são a sol aberto, em três capinas anuais e a colheita. Nas lavouras sombreadas do café "capitania", cujo sombreamento é constituido pelo aproveitamento do mato alto, consiste o trato em uma roçada de foice por ano e a colheita a dedo. Esta, quando necessita de auxilio de "gente de fora", é paga ou por dia ou à razão de 30 cruzeiros por saco de oitenta litros.

Desta forma, a produção cafeeira do Espiríto Santo, embora sendo muito menor por unidade de planta, é de muito mais baixo custo de produção, como se pode deduzir dos calculos de despesas a que o tratamento das lavouras dali obriga. O custo de um saco de café naquela região do país pode ser comparado ao preço das zonas novas de grande produção unitária por árvore. A colheita, feita pela derriça no chão e abanação posterior, não difere do nosso sistema. O tratamento do café limpo é muito simplista. Deixam os lavradores o café em coco amontoado nos quintais das casas, até que apareça o comprador da cidade, razão pela qual os cafés daquela procedência são considerados de má qualidade. Assim, mal secos e na generalidade das vezes fermentados, são eles levados ao beneficiamento nas maquinas das cidades, que consiste quase somente no seu descascamento.

O café é tirado na máquina em bica corrida, misturadas todas as peneiras, pelo que seu tipo é sempre baixo.

TRANSPORTE, COMERCIALIZAÇÃO E REGIME FISCAL

Constata-se com cores vivas, no transporte do café no Estado, a dramática luta entre a ferrovia e a rodovia. Luta aquela, aliás como acontece em toda a parte, com enorme sobrecarga de onus para a ferrovia, que tem de atender à custosa despesa de conservação das linhas, manutenção de elevado pessoal permanente e ainda retribuição ao capi-

tal empregado. Já as estradas de rodagem, feitas e mantidas pelo Estado, dispensam a retribuição do capital, havendo apenas que manter o sustento do motorista, que, na maioria das vezes, é o proprietário do veículo e apresenta a vantagem do "porta a porta". Assim é que de Colatina a Vitória — mais ou menos 180 quilometros — cobra o caminhão 10 cruzeiros por saco de café, e a estrada de ferro apenas 7 cruzeiros. Para interessar os seus transportadores, que são em quantidade mínima, concede ainda a estrada de ferro abates progressivos pelas quantidades embarcadas pelo mesmo embarcador. Estes chegam a atingir a um máximo de 5,5 cruzeiros por saco. Vê-se aí o desespero da luta entre os sistemas, sendo que a vitoria da rodovia, que indubitavelmente representa um decisivo passo do progresso, é um dos motivos da exaustão de divisas em que se debate o país. Desde sua feitura até seu uso integral é custeada à base de dolar.

Boa porcentagem dos cafés do Espirito Santo, tanto os que demandam Vitória, que custam uma taxa de 10 a 12 cruzeiros, como os que procuram o porto do Rio, que custam de 40 a 50 cruzeiros, são transportados por caminhões. Estendendo-se esse sistema de transporte aos demais Estados produtores de café — Minas (Zona da Mata) e Paraná, para Paranaguá, São Paulo para o Rio, deduz-se que mais de 50% da produção cafeeira do país são transportados por caminhões à base de dolares, custando para o interessado cerca de trêz vezes mais do que o transporte ferroviário. Sendo este alimentado em sua grande parte por combustivel nacional, pode-se calcular o que representa esse fato para a nação brasileira.

O escoamento dos cafés espiritosantenses se faz mais ou menos dividido: 50% para Vitória e os outros 50% para o porto do Rio. Boa porcentagem do produto embarcado por aquele, se destina à cabotagem, suprindo o consumo nacional. A praça de Vitória, pela proximidade das regiões produtoras, devia ser o porto natural para escoamento de toda a produção do Estado e mais parte da Zona da Mata de Minas, pois dispõe de instalações portuárias, adequadas, como sejam docas e armazens suficientes para atender materialmente ao serviço. Entretanto, inexplicavelmente, não dispõe de facilidades oficiais de créditos, encontrando-se ainda desaparelhada para operações cambiais a fim de atender sequer suas necessidades atuais. Financia o Banco do Brasil o café naquela praça, apenas dentro de suas disponibilidades cadastrais e na base máxima de 500 cruzeiros o saco. Quanto ao cambio, não dispondo a praça de uma grande rede bancária que se interesse por tais operações, vê-se tolhida no desenvolvimento da exportação; os seus exportadores têm que arcar com o onus do congelamento dos 20% das letras do Tesouro, pois o Banco do Brasil apenas paga os 80% obrigatórios. Não pode um comércio asfixiado, por falta de um sistema de crédito amplo, desenvolver-se como podia, sendo que ocorre ainda ser praxe no comércio de cabotagem entre os compradores nacionais o pagamento a prazo até 60 dias, da data da compra.

Paga o café no Estado três tributações diretas: a taxa de exportação e o imposto de vendas e consignações, este em uma unica incidência, na base de 5% cada uma, calculada no valor do tipo 7 do mercado

do Rio, quando os cafés são para lá destinados, e no valor do negócio quando exportados ou negociados em Vitória. Há ainda uma taxa de melhoria de 20 cruzeiros por saco, paga na entrada do café no regulador deVitória, ou nas barreiras, quando se destina a outros portos. Esta taxa é reversível, sendo devolvida ao contribuinte na base de cada tipo se o café encontrado for melhor do que o tipo 7. Esta constatação é perfeitamente realizável nos cafés que se destinam a Vitória, pois passam obrigatóriamente pelos reguladores do porto, sendo que o de Itaquiri, com capacidade para 600.000 sacas, é o maior deles, onde são tiradas amostras que são classificadas pela bolsa local — esta não funciona para cotação a termo — que sobre o resultado fornece um certificado. Esta devolução, contudo, não se tem verificado, permanecendo a taxa integral. Calculado o valor de 160 cruzeiros por 10 quilos para os cafés, na praça do Rio, dá ao saco o valor de 960 cruzeiros; os 10% sobre o mesmo darão 96 cruzeiros, que adicionados à taxa de melhoria de Cr 20,00, atingem 116 cruzeiros por saco, que é quanto pagam de impostos especificos aos cafés do Espirito Santo.

As perspectivas da cafeicultura no Espírito Santo são muito boas, sendo que sua produção não terá um salto espetacular de maneira que sobrepuje os demais Estados produtores, mas se elevará seguramente, mantendo o Estado o lugar privilegiado de primeiro produtor por unidade de área territorial, ou unidade-homem, que detem. Com uma superfície de 45 mil quilômetros quadrados e uma população de 850 mil habitantes, produziu no ano passado 2 milhões de sacos de café, o que, comparado com os demais produtores, lhe assegura o lugar de autêntico lider na cafeicultura nacional.

Quanto à safra futura, calculam-na os responsaveis pela administração publica do Estado em cerca de 1 milhão a 1.200.000 sacas.

O estado vegetativo de suas lavouras é excelente, prevendo-se safra muito boa para 1953/54, caso não advenha o contratempo da seca, uma vez que não está a região sujeita ao fenomeno frio.

Terminando estas breves observações, queremos deixar consignado os nossos agradecimentos aos senhores governador e secretario da Agricultura, pela gentileza com que nos receberam, assim como pelas facilidades que nos proporcionaram para o exito da finalidade da nossa visita a tão acolhedor Estado.

(Da "Folha da Manhã", 8-5-1952)

INTENSIFICAM-SE EM CAMPINAS OS ESTUDOS RELATIVOS AO MELHORAMENTO DO CAFEEIRO

APONTADO O INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS COMO O ÚNICO CENTRO NO MUNDO DE PESQUISAS GENÉTICAS DO CAFÉ — UM GRANDE PLANO DE AÇÃO ESTÁ SENDO EXECUTADO

Texto de
ALAOR PACHECO RIBEIRO

Com a participação das seções de Genética, de Café e de outras, intensificam-se no Instituto Agronômico de Campinas os estudos de melhoramento do cafeeiro. Com referência especificamente às pesquisas de genéticas do café, adianta-se que sòmente naquele estabelecimento científico elas são realizadas no mundo. Pelo menos, até o momento nenhum trabalho nesse setor foi divulgado por qualquer outra instituição congenere. É lícito, portanto, concluir que tal primazia cabe àquele órgão da Secretaria da Agricultura.

A Seção de Genética, que cuida da atividade referida, tem as seguintes atribuições: a) executar trabalho de genetica pura e aplicada ao melhoramento das plantas cultivadas; b) proceder a pesquisas sobre a criação e seleção de variedades de plantas resistentes a moléstias e pragas, à seca, ao frio, etc.; c) colaborar com as seções de culturas do Instituto nos trabalhos referentes ao aperfeiçoamento das variedades econômicas.

Em 1933, com a participação das seções de Café e de Genética, organizou-se um grande plano de ação que está sendo cumprido e cujos resultados parcelados já encontram aplicação prática na lavoura cafeeira de São Paulo. Do programa geral elaborado constam os seguintes itens: a) pesquisas básicas (taxonomia, biologia da flor, pesquisas citológicas, pesquisas de genética, estudos sobre mutações somáticas e pesquisas sobre a evolução do genero "Coffea"); b) melhoramento das principais variedades de "Coffea arabica" (ensaios de variedades, instalação de talhões regionais de "uma planta por cova", separação de linhagens selecionadas); c) estudos sobre novas variedades de "Coffea arabica" (variedades semperflorens, caturra, San Ramon e cera); d) estudos sobre outras especies de "Coffea" (grupo robusta "Coffea excelsa", outras especies).

IMPRESCINDÍVEL MELHORAR AS VARIEDADES

Consoante dissemos, os cafèzais em São Paulo se formaram de maneira empirica. As variedades cultivadas se difundiam conforme as qualidades que delas se apregoavam. Assim, com o objetivo de proporcionar ao agricultor um produto melhor é que se incrementaram as pesquisas e experimentações em torno do melhoramento das principais va-

riedades e forma plantadas .Dentro do quadro estabelecido se situavam a qualidade, a produtividade e a rusticidade da planta. Quanto à qualidade, é sabido que o "Coffea arabica" é a espécie que produz as melhores bebidas. Mesmo assim tomaram-se providências para que não se verificassem degenerescência desse atributo. Ampliá-lo também é um dos objetivos visados.

Sendo o cafeeiro, como qualquer outra planta, produto dos ambiente e da estrutura genética, e considerando-se que em São Paulo a primeira condição — ambiente — não se apresenta tão favorável como antes, às culturas em geral, já que um dos seus principais elementos — a terra — se mostra cansada, natural que se procure, por todos os títulos, melhorar a segunda condição, ou seja, a estrutura genética da planta.

Na primeira fase da cultura cafeeira esta se baseou em fatores ambientes, pois se instalou em terras ricas, inteiramente virgens. Embora plantadas sementes comuns, a terra prodiga de início contrabalançou defeitos, de origem, descompensações genéticas que depois se acentuaram com o decorrer dos anos, influindo decisivamente na produção. Agora, porém, não só para as terras cansadas, como também para as virgens e as devidamente recuperadas, indicam-se sòmente culturas com sementes selecionadas, para que não se repitam os erros do passado. A exploração cafeeira exige, em quaisquer condições, rendimento individual elevado, ao lado de outros fatores que influem na aceitação do produto.

MILHARES DE CAFEEIROS EM REGIME DE COLHEITA INDIVIDUAL

Esquematizado o projeto de melhoramentos das principais variedades do "Coffea arabica", iniciaram-se os trabalhos, sem duvida de grande envergadura. Ao cabo de algum tempo mais de 30.000 cafeeiros se encontravam sob regime de colheita individual — agora são .... 50.000 — nos estudos referentes a seleções individuais, progenies, linhagens e hibridos. Indicaram-se como centros dessas pesquisas as estações experimentais de Campinas, Ribeirão Preto e Pindorama. Mais tarde passaram também a colaborar as estações de Jaú, Mococa e Monte Alegre do Sul.

OS PRIMEIROS RESULTADOS

Alguns anos depois o Agronômico obtinha os primeiros resultados. Foi preciso esperar 10 a 12 anos, pois antes deste prazo não é possível tirar-se conclusão em materia de café.

Com respeito à produção num ensaio de seis variedades verificaram-se os seguintes resultados, em ordem decrescente: Bourbon amarelo, Bourbon, Sumatra e em condições quase idênticas Maragogipe, nacional e amarelo de Botucatu. Das duas primeiras variedades, tudo parece indicar que o Baurbon amarelo se apresenta com maior indice de produtividade, motivo pelo qual o Agronômico intensificou seus estudos. De qualquer forma, provou-se a maior conveniência de plantar-se o

Bourbon amarelo ou o vermelho. Ficou ainda esclarecido que o café nacional e o amarelo de Botucatu não têm a produtividade que se apregoava. Quando ao Maragogipe, sua limitada capacidade já era conhecida. Há a considerar, ainda, o café caturra, cujas experiências têm apresentado os mais auspiciosos resultados, indicando-o como uma das variedades mais produtivas.

NÚMERO DE PLANTAS POR COVA E DISTÂNCIA

As experiências efetuadas quanto ao número de cafeiros por cova têm demonstrado que quando se trata de apenas uma planta, nos primeiros anos a produção é grande, mas o cafèzal é mais rapidamente levado à decadencia. Tal fato não se observa tratando-se de moitas de 3, 4, 5 e até mesmo maior número de plantas por cova. É preciso ainda lembrar que nas covas individuais grande número de cafeeiros depois de uma carga abundante sofre um fenômeno conhecido como "die-back", e que consiste na queda das folhas.

Os ensaios efetuados demonstraram também que a produção aumenta quato os cafeeiros são plantados a menor distância que a comum, respeitada a maior ou menor fertilidade do solo. É evidente que aqui deverá ser lavada em consideração a conservação do solo, com medidas contra a erosão. Da mesma forma não pode ser esquecida a adubação. Tal necessidade, aliás, ficou claramente demonstrada em vários ensaios que se efetuaram no Agronômico e cujos resultados já foram amplamente divulgados. Provou-se a importância da adubação orgânica, considerando-se indispensaveis a palha de café e o esterco de curral.

Além dos resultados a que chegou sobre as variedades em cultivo, o Instituto Agronômico realiza pesquisas em torno de novas variedades do "Coffea arabica" e até mesmo de outras especies.

("Folha da Manhã", 5-2-52)

O PRECEITO DO DIA

ESCOLHA NECESSÁRIA

E' preciso não confundir os alimentos que nutrem realmente com gulodices inúteis, talvez prejudiciais à saúde.

Aprenda a se alimentar, só adquirindo substâncias de real valor nutritivo. — SNES.

"O FUTURO PERTENCE AOS PAÍSES QUE POSSUEM UMA GRANDE AGRICULTURA EQUILIBRADA COM A INDÚSTRIA"

EM CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NA S.R.B., LOUIS BROMFIELD EXAMINOU IMPORTANTES PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO DO SOLO NOS E U.A. — O QUE SE FAZ NA FAZENDA MALABAR — CALAGEM E LEGUMINOSAS

Constantino Ianni

— "O futuro pertence aos países que possuem uma grande agricultura, equilabrada com a indústria" — declarou o sr. Louis Bromfield, escritor e fazendeiro norte-americano, em palestra que proferiu na sede da Sociedade Rural Brasileira, na reunião na qual lhe foi conferido o título de sócio honorário dessa entidade. Depois de saudado pelo sr. Mario Rolim Telles, presidente da S.R.B., que descreveu a personalidade do renomado homem de letras e lavrador, denominando-o "agricultor perfeito", o sr. Louis Bromfield falou de improviso, durante quase uma hora, examinando com critérios pouco conhecidos de nosso grande público os importantes problemas de conservação do solo e de suas relações com a riqueza e a vida humana sob os mais variados aspectos. Todo o pensamento econômico de Bromfield, exposto em sua conferência, de hontem, em suas palestras e em alguns de seus livros, parte da idéia central de que a terra é, em última análise, a única verdadeira riqueza da qual dependem a vida humana e o bem-estar e a prosperidade dos povos. Durante muitos pontos de sua conferência, Bromfield revelou pela terra uma compreensão que nos faz sentir o solo como um ser vivo.

OS INVESTIMENTOS NOS E.U.A.

Quando se olha para a riqueza enorme dos Estados Unidos, considera-se apenas a sua indústria, disse Bromfield. No entanto, a verdade é que o capital aplicado na agricultura no seu país é muito maior do que os investimentos indústriais. Além disso, mais de cinquenta por cento da população norte-americana recebem da agricultura a sua renda ou o seu dinheiro ou o seu poder aquisitivo. Uma nação como os Estados Unidos é grande e tem a estabilidade econômica que a caracteriza não devido à sua indústria, mas devido à sua agricultura. Sem uma boa lavoura, sem fazendeiros prósperos e númerosos, a econômia de nenhum país não poderia ser estável e prospera. Atualmente os Estados Unidos exportam apenas cerca de três por cento de sua produção industrial. Contudo, a falta dessa exportação não faria grande diferença para a econômia norte-americana. (Bromfield quer dizer com essas observações que é o grande mercado interno do seu país, no qual a população agrícola representa parte tão importante, a base da riqueza industrial norte-americana).

A RECUPERAÇÃO DA TERRA

O conferencista voltou-se a seguir para um de seus temas prediletos. A população do seu país aumenta em cerca de três milhões de pessoas por ano. Não há nele mais terras novas como as tem o Brasil. Por isso os norte-americanos são obrigados a voltar-se para as terras velhas, que já foram muito (e mal) usadas e recuperá-las. (Isso explica os grandes empreendimentos baseados na ciência moderna graças aos quais há fazendas como a Malabar, de Bromfield, no Estado de Ohio, onde terras outrora abandonadas como velhas ou cansadas hoje dão grandes safras e lucros). Mas Bromfiel diz que a agricultura norte-americana ainda não é toda boa. Sómente dez por cento dos fazendeiros podem ser considerados bons agricultores. Uma porcentagem deles produz apenas pouco mais do que consome. Mas é otimista e afirma que dentro de duas gerações os Estados Unidos terão uma agricultura tão boa como a da Dinamarca e de outros países europeus, onde todo bom agricultor é rico. Observa que a profissão do agricultor é uma grande profissão, mas muito difícil. O lavrador (o bom) precisa saber muito mais do que um advogado ou um engenheiro.

ACABOU O EXODO RURAL

Mas já terminou nos Estados Unidos o tempo em que os jovens precisavam abandonar o campo para encontrar na cidade uma vida melhor. Depois de descrever o antigo exodo rural — que ainda está em seu apogeu no Brasil — Bromfield disse que agora eles começam a voltar para o campo, pois hoje o bom agricultor possui uma profissão rendosa.

Voltando ao problema central da terra (depois de observar que falava dos Estados Unidos como um terrível exemplo, pois já passaram pela situação que o Brasil está atravessando hoje), Bromfield afirmou pitorescamente que uma pequena porcentagem das terras norte-americanas não foi destruida porque era tão boa que nem um mau lavrador poderia devastá-la. Mas ele insistiu em declarar mais de uma vez que não acredita que haja terra ruim ou cansada. Se ela foi boa pode ser restaurada. "Nos últimos 25 anos aprendemos a respeito do solo mais do que antes em toda a história" — observou o conferencista. Mas modestamente admite que apenas foram aprendidos cêrca de dez por cento do que se deveria saber. Fala a seguir dos cientistas de todo o mundo que visitam a sua fazenda, para dizer depois que qualquer fazendeiro pode fazer o que ele fez lá. Diz que não se trata de um show place", isto é — traduzindo livremente — uma fazenda arrumadinha para impressionar os visitantes. Tem uma casa grande onde sempre estão hospedados cinco ou seis jovens que estudam agricultura.

A BOA AGRICULTURA

Depois de afirmar que o futuro pertence aos países que tem uma grande agricultura equilibrada com a indústria, Bromfield afirmou que, uma vez terminadas as terras virgens, a solução está em restaurar as

antigas, já usadas, com o objetivo de tirar o máximo rendimento delas. Lembrou ainda uma vez o seu exemplo de que um bom agricultor colhe em um hectare o que o mau lavrador colhe em cinco. Como elevar a produtividade, reduzindo os custos, "isso é o que tivemos de aprender e o que os senhores terão de aprender um dia". Criticou a seguir os métodos de trabalho agrícola que foram trazido da Europa para o continente americano. Se eram adequados para os países europeus, eles não o são para a América do Norte ou do Sul, devido às condições de seu solo, de seu clima e de sua precipitação pluviométrica. Informou que nos Estados Unidos o dr. Bennett, antigo chefe do Serviço de Conservação, estabeleceu os padrões da agricultura moderna, com os quais se pode conservar o solo ou o homem pode preservar a fertilidade da terra em que vive, evitando a erosão e a ação das águas correntes.

CALAGEM E LEGUMINOSAS

Bromfield mostrou em seguida que em Ohio se verificou o mesmo que aqui, para destruir a fertilidade do solo: corte das florestas, arando-se depois as terras (Na Fazenda Malabar e em muitas nos E.U.A. não se usa mais o arado comum, que revolve a terra), tratando-as mal. Sem árvores, a água corre sobre o solo e este não retem a umidade. Bilhões de dólares foram perdidos pela ação das águas correntes, carregando a camada fértil da superficie da terra. Mas em Ohio não há mais enchentes (que lavam as terras marginais). As enchentes dos grandes rios foram controladas. Mas a tarefa de conservação começa na fazenda, pela ação do lavrador, que refloresta as suas terras, as terraceia e planta em curva de nível, forma pastagens e semeia leguminosas. Estende-se no exame da importância destas na conservação e recuperação do solo, para concluir que com reflorestamento, calagem e leguminosas a terra produzirá alimentos para o gado e para o homem. A elas se devem muitas terras boas e com elas se produzirá tudo o que se quiser. "Essa é a lição da nossa experiência e os nossos conhecimentos estão ao alcance de todos os que quiserem valer-se deles". Bromfield afirma que é preciso compreender o que é a terra, qual é a origem da fertilidade, citando a velha lei da natureza: o nascimento, crescimento, morte, decadência e renascimento. Discorre sobre os modernas antibióticos, como a penicilina, que já salvaram milhões que vêm do solo, mas não do mau solo.

TERRA POBRE, GENTE POBRE

Os solos pobres produzem povos pobres, diz o conferencista, que discorreu sobre a falta de elementos minerais que acarretam moléstias. "As terras pobres fazem pobre a gente que nelas vive, produz safras, gado e cavalos pobres".

Nenhuma nação será grande sem uma boa agricultura, diz Bromfield numa advertência ao Brasil, citando "o trágico exemplo da Grã-Bretanha", cujos agricultores não são suficientemente numerosos nem prósperos para comprar os produtos da indústria inglesa. Lembra que quando foi repelida a lei de proteção ao milho, nos meados do século

passado, porque então o livre-cambismo tornava possível comprar os alimentos no exterior, álguem no Parlamento inglês observou que a abolição da lei "era o princípio do fim do Império Britânico".

Depois de acentuar ainda uma vez que não se deve pensar muito na indústria como a chave de todos os problemas econômicos, Bromfield citou o encontro que teve com um hindu, membro de rica família de industriais da Índia, num congresso agrícola nos Estados Unidos. O híndu disse que fora àquele país para estudar agricultura, a mandado de sua familia. Achava que sua indústria não podia prosperar com uma população pobre, cuja renda "per capita" não ia além de alguns dólares. Sua família reconhecia que era necessário melhorar a agricultura do país antes que sua indústria pudesse progredir.

PERGUNTAS

As numerosas perguntas feitas a Bromfield mostraram o interesse da assistência pelos variados temas de sua conferência. Resumimos aqui algumas delas e as respostas.

À indagação sobre a possibilidade de plantar-se leguminosas em terreno com culturas permanentes, como por exemplo café, o conferencista disse que não estava familiarizado com a rubiácea para dar uma idéia precisa. Mas nos E.U.A. é comum o plantio da leguminosa em culturas de maçãs e outras; ceifando-se depois a leguminosa, promove-se a incorporação de matéria orgânica ao solo.

A uma pergunta sobre se a concessão de financiamento aos agricultores, pelos bancos — que fazem empréstimos a longo prazo e a juros de 4% — era subordinada às condições técnicas de cada fazenda ou emprêsa agrícola, Bromfield respondeu afirmativamente, dizendo que o banco investiga e fiscaliza essas condições. O conferencista respondeu ainda a perguntas sobre o preparo de esterco, irrigação, salários na indústria e na agricultura. Disse que estes são nominalmente maiores na indústria, mas na realidade não porque o trabalhador urbano tem despesas que não existem no campo.

Acrescentou que na agricultura norte-americana práticamente desapareceu o trabalhador não qualificado. A outra pergunta, esclareceu que não existe em seu país legislação social protegendo o trabalhador agrícola, pois este ganha bem e não sente necessidade de proteção pelo Estado.

Antes de encerrar a reunião foram exibidas vistas da Fazenda Malabar.

("Folha da Manhã", 6-3-52)

CONSUMO DE ADUBOS EM 50

Empregadas 36 mil toneladas métricas pelo Brasil

FOMENTO DA PRODUÇÃO ——— INDÚSTRIA E PREÇOS

Em palestra feita na Sociedade Rural Brasileira, o Sr. Plinio de Lima, conhecedor dos assuntos relativos à adubação, focalizou com detalhes o problema.

Damos abaixo um resumo dessa palestra, em que o conferencista examina logo de início o problema característico de nosso meio que é o de sempre fugir das terras esgotadas para avançar por outras ainda virgens. Nos últimos anos, assinala, essa orientação vem sendo mudada, principalmente em São Paulo onde se consomem hoje 85 por cento dos adubos importados no Brasil.

Em todo o Brasil, já em 1950, conforme estudos da CEPAL e da FAO, foram empregadas 36.300 toneladas dos três principais fertilizantes, nitrogênio, anhidrido fosfórico e potassio. Em toda a América Latina, nesse ano, consumiram mais adubos que o Brasil apenas o Chile, com 37.700 toneladas métricas, e Peru, com 51.090 toneladas. O Brasil, com seus 15 milhões e 360 mil hectares de superfície cultivada, menor apenas que a da Argentina (23.232.000 ha.) consome um total de 2,54 Kg. por hectare, ou seja ,menos que Cuba, com consumo igual a 14,96 Kg. por Ha.; que o Chile, com 20,85 Kg. por Ha., e que o Perú com 32,00 Kg. por Ha. A média de consumo de toda a América Latina é de 3,18 Kg. por Ha., contra a dos EE.UU. e Canadá, de 17,83 Kg. por Ha.. Honduras, Guatemala, Panamá, Costa Rica e Venezuela têm consumo baixo, porém superiores ao do Brasil.

Em face da Europa revela-se ainda mais a deficiência do nosso consumo, pois, antes da guerra, a Belgica consumia 94,5 Kg. por hectare, a Holanda 119 Kg., e a Alemanha 64 Kg. por hectare.

FOMENTO DA PRODUÇÃO

Depois de afirmar que uma das principais causas do baixo consumo de adubos no Brasil é encontrada nos seus preços elevados, o sr. Plinio de Lima vê como solução o aumento da produção industrial de adubos para o seu barateamento e emprego em mais larga escala.

A seguir examina o conferencista a situação de escassez do enxofre, que tende a se agravar apesar da descoberta de novas jazidas no delta do Mississipi, e preconiza um novo sistema de fabrico do superfosfato. As nossas jazidas de fosfatos, que são as seguintes: Jacupiranga — E.S.P.; Ipanema — E.S.P.; Morro do Serrote — E.S.P.; Guaviruva — E.S.P.; Anitapolis — E.S.C.; Araxá — E.M.G.; Sumé — E. Paraiba; Ilha da Trauira — E.M.; Piracaua — E.M.; Ilha Rata — Arquipelago de Fernando de Noronha; Olinda — E. de Pernambuco; Sacramento — E.M.G., além de outras de pequena monta na Bahia, Paraiba, Alagoas e ilhotas próximas da costa. A reserva pro-

vável das nossas minas de fosfato é de 131 milhões de toneladas. Embora não seja grande a nossa reserva, comparada com a dos americanos que é de 13 bilhões de toneladas, ou com as da Rússia e África, é suficiente para abastecer o nosso consumo por longo tempo. A questão de transporte e seus elevados preços vêm sendo também causa importante da dificuldade de exploração econômica das nossas jazidas.

INDÚSTRIA E PREÇOS

As indústria do setor são — esclarece o sr. Plinio de Lima — Serrana S.A. de Mineração, Santo André — E.S.P.; Produtos Químicos Elekeiros, Jundiaí — E.S.P.; Cia. Superfosfatos e Produtos Químicos, Capuava, E.S.P.; e filiais no Rio Grande do Sul, Recife, E. Pernambuco, em Belo Horizonte — E.M.G.. A produção dessas indústrias é de 60 mil toneladas anuais e sua capacidade total é de 110 mil toneladas. Com a entrada em produção da nova fábrica de Capuava e com a ampliação da fábrica de Santo André teremos a capacidade total aumentada para 210 mil toneladas no primeiro semestre do corrente ano. Dessa capacidade total cabe a S. Paulo 75% da produção.

Aparentemente não se justicam os elevados preços dos adubos em nosso meio, que são de Cr$ 1.350,00 por tonelada, contra Cr$ 360,00 por tonelada nos EE.UU. e Cr$ 375,00 na França, — pois temos em nosso próprio território minério e os industrializamos. Mas os altos preços dos transportes, terrestres e marìtimos, tanto para a matéria-prima como para o produto acabado, são os elementos de encarecimento mais destacados. Basta assinalar que no transporte das minas até a fabrica de Santo André é pago quase que 2,5 vezes o custo de mineração e beneficiamento do minério. Os adubos importados pagam, pelo transporte de longo curso dos portos europeus para Santos, cerca de Cr$ 545,00, quando há um ano atrás pagavam apenas Cr$ 220,00. O enxofre, cujo consumo no Brasil elevou-se de 32 mil toneladas em 48 para 67 mil toneladas em 1950, teve o seu preço elevado em 13% e seu frete triplicado, concorrendo portanto para o alto custo do adubo nacional. Em face principalmente da escassez do enxofre, considera o sr. Plinio de Lima importante a exploração desse produto em nosso país, que conta com a mina de pirita de Ouro Preto, cuja reserva é estimada em 3 milhões de toneladas; os resíduos peritosos resultantes da lavagem do carvão nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, e mais jazidas de gepsitas no Norte do país. A Comissão de Estudos de Enxofre — que foi constituida no Ministério da Fazenda sob a presidência do sr. José Ermirio de Moraes, diretor do Centro das Industrias do Estado de São Paulo, estuda no momento a montagem de uma usina em Tubarão, Santa Catarina, para recuperar de 150 mil a 200 mil toneladas de pirita por ano, as quais seriam diretamente utilizadas na fabricação de acido sulfurico para os adubos ou então em enxofre, num total de 70 mil toneladas por ano.

Concluindo, examinou o conferencista a situação do fornecimento de adubos nitrogenados e potassio, que em nosso meio são menos usados que os super-fosfatos, muito embora os seus resultados sejam também bons. **("Diário de S. Paulo", 28-2-1951)**

ASPECTOS DA ECONOMIA CAFEEIRA

Uma obra do catedrático de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dr. Alfredo Ellis Junior, intitulada "O café e a Paulistania" oferece observações instrutivas sobre vários aspectos da econômia cafeeira. Em linhas gerais indica a seguinte "cronologia" para o café:

No Extremo Norte (1727-1790)
Em Volta dos morros da Guanabara (1790-1820)

No Vale do Paraiba Paulista — 1835
- **Lorena**
- **Guaratinguetá**
- **Pindamonhangaba**
- **Taubaté**

No Oeste Paulista (1840 — 1950)
- **Campinas (1840)**
- **Ribeirão Preto (1885)**
- **Noroeste (1920)**
- **Na Alta Paulista (1930)**
- **Na Alta Sorocabana (1928)**

Em Minas Gerais (1835-1950)
No Espírito Santo (1900-19..)
No Paraná (1928-19..)
Em Goiás (?)

O professor Ellis Junior, salientando a importância do papel desempenhado pelo café na obra de coesão econômica e política do País afirma que, felizmente, para a unidade do Brasil, o ouro setecentista e o café oitocentista foram grandes fenômenos econômicos-sociais que ocorreram no centro do País, gerando um centripetismo, que em boa parte, anulou as forças centrífugas do organismo brasileiro. Tivesse acontecido o contrário — prossegue o autor — isto é, tivesse o ouro sido minerado na periferia e tivesse o café neinado em qualquer ponto extremo do território a força centrífuga gerada por esses fatos teria projetado essa massa periférica para fora do organismo nacional.

Referindo-se á correlação entre a evolução da econômia e o sistema de transporte, o professor Alfredo Ellis Junior salienta que o advento da estrada de ferro, pelas alturas de 1872 a 1880, que passou a substituir a tração animal, foi na expansão da cafèicultura, um verdadeiro terremoto, alargando enormemente as ineficientes "possibilidades" oferecidas pelo ronceiro transporte pelo muar. Todavia, nas palavras do autor "isso não desmente o aforismo" de que "não é o órgão que cria a função e sim, a função que cria o órgão". "A função produtora já havia, ou antes já se fazia sentir, possibilitada apenas pelo trans-

porte oferecido pelo muar. É claro, e eu já disse que o advento da ferrovia aumentou muito a função produtora, mas não iniciou nada, pois a função já existia e se não fosse a existência das "possibilidades" oferecidas pelos demais termos equacionais, e não fosse, principalmente o determinante "consumo", o qual crescia formidavelmente devido ao aumento mágico da população norte-americana, a existência isolada do transporte ferroviário ou não, nada, absolutamente nada faria. Assim, vê-se claramente que não foi o orgão transportador ferroviário que criou a função produtora, mas foi esta que criou o orgão. Este apenas possibilitou o aumento da função. É preciso não confundir causa com consequencia". Com essas observações, o professor Ellis Junior não pretende negar a importância do advento da era da estrada de ferro, mas apenas realçar a relevância de fatores como as condições naturais, a mão de obra, os capitais e a intensificação do consumo.

Em outro capítulo da sua obra, ricamente documentada, o historiador paulista descreve o desenvolvimento da rede rodoviária em nosso Estado, salientando que, em 1920, já se achava quase toda estendida a rêde ferroviária paulista; pelo menos, as zonas de cada uma já estavam delimitadas. Mas, na opinião do sr. Ellis Junior, a estrada de ferro sòmente desenvolveu os grandes núcleos urbanos e sòmente desintegrou os latifundios, nenhuma ação tendo tido nos pequenos aglomerados e na média propriedade. De fato, a estrada de ferro chegou em momento em que dominava a latifundio, cujo isolamento suprimiu, no que respeita aos contactos econômicos-sociais de seus trabalhadores com o mundo circundante. Deste modo, "os grandes núcleos urbanos foram tendo importância econômica e demográfica, pois os latifúndios outrora isolados e poli-produtores, foram escoando as suas populações engrossadas e os estabelecimentos comerciais fornecedores das propriedades cafeicultoras, em crescente euforia, foram se amplificando. Paralelamente a esse fenômeno, o latifundio foi-se desintegrando e, formando a média propriedade. Mas a causa desse fenomeno foi a ferrovia".

A rêde rodoviária, no entender do historiador patrício, fez com a média propriedade e os pequenos núcleos urbanos, o mesmo que a estrada de ferro havia feito meio seculo antes com os latifundios e as grandes cidades, Araçatuba, Rio Preto, Promissão, Biriguí, Penápolis, Catanduva, Barretos, Monte Aprazível, Mirassol devem consideravelmente ao desenvolvimento da rêde rodoviaria, a qual, segundo o professor Alfredo Ellis Junior, foi a causa maior ou, pelo menos, uma das causas básicas do fracionamento da propriedade rural paulista, que vem repercutido na estrutura da econômia cafeeira.

("O Estado de S. Paulo", 15-5-52)

IRRIGAÇÃO E POLITICA CAMBIAL

Vão-se aos poucos os nossos lavradores compenetrando da necessidade de promover a irrigação dos seus cafèzais. Já se pode, mesmo, falar de generalização dessa tendência, que, aliás, está a merecer maior apoio oficial. Em verdade, a irrigação contribui decisivamente para aumentar a produtividade dos cafeeiros, o que avulta a importância quando as safras de nosso Estado acusam incessante decréscimo, o que é tanto mais lamentavel quanto ocorre concomitantemente com a elevação do consumo e alta dos preços.

Aumentada a produção de café por via de melhores tratos culturais, entre os quais o fornecimento de maior quantidade de água ás árvores, é certo que teremos maior receita de moedas estrangeiras, principalmente de dolares. Contudo, não é sòmente essa a vantagem que á nossa balança comercial e ao nosso orçamento cambial trará a irrigação. Lembremos que a estação das águas não se apresenta propícia ao cultivo do trigo, dado o perigo de moléstias criptogâmicas, especialmente a ferrugem, e que, na parte restante do ano agrícola, a ameaça de seca é constante, o que leva naturalmente a concluir que sòmente recorrendo á irrigação é que poderemos tornar vitoriosos os esforços de quantos se dedicam corajosamente á plantação do precioso cereal. E ha ainda a considerar que de novembro a março as terras em geral estão plantadas de milho, arroz e algodão, de maneira que ha tempo de sobra para que, depois das chuvas, se plante e se colha o trigo.

Dir-se-á que as despesas com a aquisição do equipamento necessário ao incremento da irrigação oneram profundamente o orçamento das fazendas. Com o preço atual do café, porém, não ha tal. Basta dizer que, em média, orçam em Cr$ 3,00 por pé. Ademais, não ha em nosso Estado lavoura de café organizada que valha menos de Cr$ 30,00 por pé, sendo certo que cerca de 20% dessas árvores valem Cr$ 100,00. Não se diga, pois, que ha intransponíveis obstáculos ao financiamento dessa inovação nos tratos culturais. O que se impõe é que haja facilidades oficiais a todos quantos desejam enveredar por esse rumo. E assim como os produtores, as autoridades estão na obrigação de atentar para as afirmações dos técnicos, quando asseguram que o aumento da produtividade mediante a irrigação é relativamente maior em lavouras de reduzida proporção, circunstância que torna especialmente recomendável essa providência nas zonas velhas de São Paulo.

Como dissemos, os produtores cuidam cada vez mais da aquisição do material necessário para irrigação. Avolumam-se as encomendas de conjuntos de motores-tubos nos Estados Unidos da América do Norte, ao tempo em que a Carteira de Exportação e Importação expede as necessárias licenças para essas compras. Mas, não é tudo. É preciso obter os dólares necessários para essas importações e a Carteira Cambial do Banco do Brasil — não obstante disposta a fazer tudo ao seu alcance, pais bem compreendem seus mentores que facilitar a aquisição de equipamento para irrigação é criar meios para a obtenção de maio-

res receitas em dólares, pois crescerá a quantidade de café exportável, assim como para economizar moedas estrangeiras, dada a redução da importação de trigo — esbarra com sérias dificuldades que é preciso sejam afastadas. Realmente, a escassez de dólares ameaça atrasar a tal ponto as encomendas que fazemos nos Estados Unidos, que as instalações de irrigação já de ha muito negociadas, talvez só possam chegar ao País depois de junho, o que significa um ano perdido para o plantio de trigo.

Sabemos que o sr. Fernando Cadaval, diretor da Carteira Cambial, se empenha em encontrar para o caso uma solução especial, que beneficie os lavradores e o próprio orçamento cambial do País. Fazemos votos para que tenha êxito nesses esforços e que novos embaraços não lhe impeçam a ação.

("O Estado de S. Paulo", 26-3-52)

A RESTAURAÇÃO DOS CAFEEIROS

Na Estação Experimental de Café, em Uganda (África), a aplicação de adubo orgânico "composto" em velhos cafeeiros conseguiu, dois anos depois, um aumento médio de cinquenta e cinco por cento na produção. Em São Salvador, o Centro Nacional de Agronomia logrou idêntico resultado, e a produção do país, três anos mais tarde, elevava-se, em média, de 116% por pé de café, o que não se verificou com talhões que não receberam adubo "composto".

Há agora, na África, na Ásia e em varios estabelecimentos experimentais da América Latina, que trabalham com o cafeeiro, a preocupação absorvente de aperfeiçoar o uso de adubos orgânicos, criando métodos práticos de incorporá-lo ao solo na lavoura cafeeira. "Não há cafeicultor — diz o agrônomo Osvaldo Urrutia — que não tenha reconhecido o efeito do estêrco na melhora e reabilitação da fertilidade dos solos. No entanto, num bom número de lavouras, não há estêrco bastante para permitir o seu uso em larga escala. Daí ter-se apelado para três tipos de adubação orgânica: 1º) a formada com resíduos dos próprios cafeeiros ou ervas daninhas ("mato", na linguagem dos nossos lavradores) que na época da capina são espalhados sobre as ruas; 2º) os adubos verdes, ou plantas de cobertura, geralmente leguminosas, semeadas em alternância com os cafeeiros; 3º) o "composto", preparado com resíduos alheios á plantação. A formação de uma manta natural com restos de folhas dos cafeeiros ou de ervas daninhas requer muito tempo e sua ação benéfica é lenta. No caso de adubos verdes de cobertura, constituidos de leguminosas, existem dificuldades na adpatação das plantas á meia sombra dos cafèzais. O preparo do "composto", sem ser o mais dispendioso dos três tipos, é o que proporciona benefícios maiores e mais rápidos. O húmus produzido á medida que vai decompondo a matéria orgânica fica permanentemente no solo. Além de cons-

tituir uma fonte de adubo nos solos pesados, aumenta o arejamento e cria condições favoráveis á facil penetração das raízes; nos solos leves a matéria orgânica melhora a estrutura física e aumenta a capacidade de retenção da água. Contra a crença de alguns, ela evita o desenvolvimento dos agentes patogênicos ou organismos que causam doenças, facilitando a circulação do oxigênio no solo e conservando, geralmente, o equilíbrio entre os organismos aí existentes. Por último, constitui uma camada defensora contra a erosão causada pela chuva ou pelo vento".

Um dos primeiros lavradores a preparar o "composto" na África foi o proprietário da Fazenda Kingatori, perto de Kiambu, e nas proximidades da cidade de Nairobi. Dois anos depois, o administrador dessa propriedade agrícola escrevia a Albert Howard, dizendo: "Sem dúvida espero que v. se alegrará em saber que seu método Índore de preparar o "composto" se está generalizando ràpidamente em toda esta região, tornando-se conhecido como de importância fundamental na restauração e conservação dos cafèzais. O capim elefante é aqui muito utilizado e há fazendas de café que o adquirem aos vizinhos exclusivamente para preparar o "composto". Hoje em Kenia e em Tangania, a adubação orgânica constitui o fundamento do trabalho nas fazendas de café, pois há lavrador que não esteja convencido de que sem esse fertilizante não é possível manter e muito menos aumentar a produção dos cafeeiros.

Felizmente, o exemplo de outros países ganhou adeptos entre nós, e nos últimos tempos a restauração das lavouras de São Paulo tem encontrado, no preparo e na aplicação do adubo "composto", o seu grande sustentáculo. Podem contar-se por milhares as fazendas de café do nosso Estado que estão lançando mão desses conhecimentos, aos quais se deverá o total reerguimento das plantações de café nas zonas velhas.

(Do "O Estado de São Paulo", 4-5-1952)

Ó PRECEITO DO DIA

ÁGUA E DISENTERIA BACILAR

A água contaminada pode transmitir várias doenças, algumas bem graves, como a disenteria bacilar, assim chamada porque é causada por um bacilo. Êste micróbio pode ser veiculado pela água que não foi prèviamente fervida ou filtrada.

Evite a disenteria bacilar, bebendo sòmente água fervida ou filtrada. — SNES.

Deve ser a proteção das colheitas contra as estiagens a primeira parte do plano oficial de aumento da produção

IMPORTÂNCIA DA IRRIGAÇÃO AGRÍCOLA, NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO DA CULTURA EXTENSIVA PARA A INTENSIVA — RESULTADOS SATISFATÓRIOS OBTIDOS EM LAVOURAS DE CAFÉ IRRIGADAS — RECONHECEM OS GOVÊRNOS A GRAVIDADE DO PROBLEMA DAS SECAS

O sr. Mario Rolim Telles, presidente da Sociedade Rural Brasileira e que, como cafeicultor, possui em seu ativo o plantio de cêrca de 2 milhões e 500 mil pés de café no Estado de São Paulo, é um defensor da irrigação artificial, principalmente no que se refere à lavoura cafeeira, que mais vem sofrendo com as longas estiagens observadas em nosso Estado. Falando à reportagem de "Vida Industrial", o sr. Mario Rolim Telles, a propósito do incremento da irrigação, declarou que a agricultura brasileira está numa fase de transição da cultura extensiva, que aproveitava as terras virgens e cheias de húmus, para a cultura intensiva, que envolve o preparo do meio hostil, da terra cansada e cheia de erosão, solo esgotado e reclamando fertilizantes e sementes selecionadas para poder produzir em condições de compensar as despesas. Nessas circunstâncias, acentuou o presidente da Sociedade Rural Brasileira, não poderia passar desapercebida aos lavradores a necessidade de abrigarem os capitais aplicados em suas lavouras, contra as longas estiagens que vêm assolando o Estado, e que são consequências da devastação das matas que tanto alterou o nosso clima, provocando longas secas e má distribuição das chuvas.

EXPERIÊNCIAS FELIZES

— "Em seguida aos trabalhos de recuperação do solo — acrescentou o sr. Mario Rolim Telles — empenham-se os nossos agricultores na tarefa de irrigação das culturas. Já, como pioneiros, alguns lavradores de café, que introduziram a irrigação em seus cafèzais, obtiveram considerável aumento de suas colheitas, entusiasmando a todos os agricultores a imitá-los. Podemos citar vários exemplos, pois sómente vantagens obtiveram aqueles que dotaram suas fazendas da maravilhosa inovação, mas fiquemos só no que nos oferecem os engenheiros Rodolfo e Alberto Ortenblad, que, em um ano apenas, amortizaram as instalações de irrigação com o aumento obtido pelos seus cafeeiros, que não sofreram os efeitos das estiagens".

COMPREENSÃO OFICIAL

Prosseguindo, o nosso entrevistado referiu-se à compreensão oficial do problema provocado pelas estiagens, responsáveis que são pela queda da produção agrícola.

— "O Banco do Brasil — aduziu — sob ordens diretas do sr. Presidente da República, já se empenhou no financiamento aos lavradores que queiram fazer os trabalhos de irrigação. E é de se louvar essa atitude de nosso principal estabelecimento de crédito, porquanto se trata de instalação que sòmente com o auxílio do crédito a prazo largo pode ser tentado pela maioria dos lavradores. O empenho do govêrno em promover o aumento da produção tem que se formar no crédito, na facilidade de mão de obra, nos transportes; mas a parte inicial, que é o amparo à produção, está em proteger as colheitas contra as secas.

Os serviços de levantamento topográfico, a compra de encanamento e bombas necessárias, têm orçado, para aqueles que iniciam a irrigação, em torno de 400 mil cruzeiros por 100 mil pés de café; e é de se esperar que o Ministério da Agricultura facilitem o auxílio a esses trabalhos para que eles se tornem mais ao alcance dos agricultores.

Conhece-se o empenho dos srs. presidente da República e do governador do Estado pelo assunto, e a Mesa Redonda da Agricultura, que se realizará na primeira quinzena de março próximo sob os auspícios da Sociedade Rural Brasileira, pretende estudá-lo em todos os seus aspectos, como medida de contribuição ao poder oficial. Esperam, ainda, os organizadores da Mesa Redonda da Agricultura, que os govêrnos, a exemplo do que fizeram os autoridades norte-americanas, dêem maior amplitude a esses serviços, construindo grandes represas, aproveitando os trabalhos de açudagem no desenvolvimento da irrigação e distribuição de força elétrica ao alcance da agricultura, auxiliando também a formação de usinas para a extração de azôto, barateando o custo dos fertilizantes".

("Diário de S. Paulo", 11-1-52)

O PRECEITO DO DIA

É FÁCIL EVITAR

Alface, agrião, tomate, chicórea e outras verduras podem conter micróbios trazidos pela rega com água impura. No entanto, tais germes são fàcilmente destruídos, sem que se prejudique o valor nutritivo das hortaliças, se elas forem passadas em água fervendo, durante meio minuto.

Livre-se de doenças, passando em água fervendo, durante meio minuto, as verduras e legumes que devam ser ingeridos crus. — SNES.

ADUBOS VERDES

SECÇÃO DE CAFÉ — INSTITUTO AGRONÔMICO

ADUBAÇÃO DO CAFÈZAL

A adubação básica do cafèzal é a matéria orgânica.

O emprêgo exclusivo de adubos químicos, via de regra, deixa muito a desejar.

Em tôda a parte do cafèzal, que não levar estêrco de curral, nem adubos químicos, deverá ser semeado o adubo verde.

MATÉRIA ORGÂNICA

As principais fontes de matéria orgânica são: a) Estêrco de curral, bem preparado; b) Palha de café já fermentada e muito bem curtida; c) Compostos obtidos de restos de cultura; d) Serapilheira de mato; e) Cobertura do solo com quelquer massa orgânica.

ORGANIZAÇÃO DA ADUBAÇÃO EM UMA FAZENDA DE CAFÉ

Tôda a vez que o adubo químico fôr empregado acompanhado do orgânico (estêrco, palha, etc.), a eficiência da adubação será mais acentuada.

Baseado nêsse conhecimento, todo fazendeiro deverá, uma vez que possa, adubar o máximo de pés de café com matéria orgânica (estêrco, etc.) adicionada de uma adubação química equilibrada. Em a parte restante do cafèzal, plantará adubo verde.

Como é quase impossível fazer uma aplicação de estêrco todos os anos, em todo o cafèzal, poder-se-á proceder da seguinte maneira:

O cafèzal será dividido em 3 partes: **A, B** e **C**. Os trabalhos de adubação obdecerão ao esquema abaixo:

PRIMEIRO ANO:

Parcela **A** — adubação química;
Parcela **B** — adubação com estêrco;
Parcela **C** — adubação verde.

SEGUNDO ANO:

Parcela **A** — adubação com estêrco;
Parcela **B** — adubação verde;
Parcela **C** — adubação química.

TERCEIRO ANO:

Parcela **A** — adubação verde;
Parcela **B** — adubação química;
Parcela **C** — adubação com estêrco.

Assim, no fim de três (3) anos, cada parcela receberá as três (3) adubações: ORGÂNICA, QUÍMICA E VERDE. Do quarto ano em diante, o fazendeiro iniciará, novamente, a mesma série.

ADUBOS VERDES A EMPREGAR NOS CAFÈZAIS

A adubação verde é sempre feita com uma leguminosa.

Os adubos verdes mais usados, entre nós, para cafèzais, são: FEIJÃO DE PORCO (**Canavaglia ensiformes**) e CROTALARIA JUNCEA.

O feijão de porco é muito rústico, produz menor quantidade de massa. A crotalária tem os inconvenientes de apresentar sementes miúdas e ser muito delicada ao nascer. Contudo, tem a vantagem de poder ser semeada à máquina.

O feijão, semeado em princípios das águas (OUTUBRO), começa a florescer mais ou menos em janeiro. Pode, pois, ser cortado no fim dêsse mês, início do outro, ou até mais tarde, dependendo da época de semeação.

A crotalária, semeada em OUTUBRO, inicia o florescimento em fevereiro, podendo ser cortada logo depois, enquanto não é muito lenhosa.

PRODUÇÃO DE SEMENTES

Inicialmente, as sementes são obtidas em qualquer casa comercial ou de algum lavrador. Depois, é aconselhável que a fazenda mantenha uma área de terreno plantada com a leguminosa em uso, para a obtenção das sementes necessárias.

FEIJÃO DE PORCO — Para a produção de sementes, o feijão de porco deve ser plantado a 80 cm entre as fileiras e 20 cm de planta a planta, na fileira. Tratos culturais, consistindo em capinas, quando fôr preciso.

Semeado em outubro, já em abril aparecerão as primeiras vagens maduras. A colheita é feita em 2 ou 3 vêzes. Cortadas as vagens maduras, são levadas para um terreiro, postas a secar e depois malhadas, com varas, para separar as sementes.

A produção poderá lcançar 4.500 quilos de sementes por alqueire.

CROTOLARIA JUNCEA — E' semeada com o espaçamento, entre fileiras, de quarenta (40) cm. Nas linhas, é semeada à máquina. As capinas podem ser feitas com carpideiras, enquanto fôr necessário. As plantas, com vagens maduras, são apanhadas, levadas para o terreiro e malhadas para a coleta das sementes.

A produção poderá alcançar 4.700 quilos de sementes por alqueire.

DISTÂNCIA DE SEMEAÇÃO NO CAFÈZAL

FEIJÃO DE PORCO — Quarenta (40) cm entre fileiras e cinco (5) cm entre plantas. Semeação feita à mão.

CROTALARIA JUNCEA — Quarenta (40) cm entre fileiras. Nas fileiras, semeada em linha cheia e à máquina.

O número de fileiras entre as linhas de café dependerá do espaçamento e do estado do cafèzal. Cafeeiros bonitos, encorpados, grandes,

assim com um espaçamento pequeno, admitem um número de fileiras menor.

As fileiras da leguminosa empregada são sempre disposta no sentido contrário às águas.

QUANTIDADE DE SEMENTES

A quantidade de sementes gastas para semear uma determinada área de cafèzal (por exemplo, a área correspondente a 1.00 pés), é proporcional ao tamanho e ao número de fileiras empregadas.

Para cafeeiros velhos, plantados de 16 a 18 palmos, comportando de 3 a 4 fileiras de leguminosas, o gasto de sementes de feijão de porco e crotalária será, em quilos:

Espaçamento		Número de fileiras	Quant de Sementes Gastas	
palmos	metros		Crot. juncea	feijão de porco
16	3,52	3	31,268 kg	65,964 kg
— " —	— " —	4	41,691 kg	87,952 kg
17	3,74	3	33,222 kg	74,759 kg
— " —	— " —	4	44,297 kg	99,678 kg
18	3,96	3	35,177 kg	79,156 kg
— " —	— " —	4	46,902 kg	105,542 kg

PRÁTICA DA ADUBAÇÃO VERDE NO CAFÈZAL

Quando se vai plantar adubo verde no cafèzal, faz-se, inicialmente. uma aração no meio das ruas de café. Esta deve ser sempre no sentido contrária às águas. No caso de ser semeado o adubo verde em tôda a volta do pé de café, são feitas duas arações: a primeira a favor das águas e a segunda cortando-as, para evitar o arrastamento da terra afofada. Êsse trabalho terá início dias antes do começo das chuvas e irá prosseguindo à medida que a parte já trabalhada fôr sendo semeada.

PRODUÇÃO EM MASSA

Depende, também, de muitos fatôres: número de fileiras, germinação e, principalmente, da fertilidade do solo.

A crotalária produz maior massa do que o feijão de porco.

EFEITO DA ADUBAÇÃO VERDE

O efeito da adubação verde só poderá ser bem notado depois de 2 anos e, às vêzes, mais. Uma vez iniciada a adubação verde no cafèzal,

ela deverá, obrigatòriamente, continuar todos os anos. A adubação verde é recomendável, tanto para as terras cansadas como para as férteis.

VANTAGEM DO EMPRÊGO DO ADUBO VERDE

As principais vantagens do emprêgo de adubo verde no cafèzal são: a) a massa orgânica produzida, integrada à terra, além de a fertilizar, melhora suas propriedades físicas; b) fixa o azôto do ar e o fornece ao solo; c) as raízes da leguminosa cortada, uma vez sêcas, deixam no solo canalículos que favorecem muito o seu arejamento; d) a leguminosa viceja durante o período das águas e, por isso, evita, pràticamente, a erosão; e) diminui a exposição do solo aos raios do sol.

POMARES DE CAFÈ

Na zona de Campinas, instala-se uma nova cafeicultura. Nas velhas terras, onde antigamente se expandiram as grandes lavouras extensivas, com a adoção de processos empíricos, ensaia-se hoje a formação de cafèzais baseada em métodos rigorosamente experimentais. É o caso da Fazenda São Bento, pertencente ao sr. Antonio Bento Ferraz, e recentemente visitada por uma caravana de técnicos e lavradores, organizada pela Sociedade Rural Brasileira. Formam-se ali 41 mil cafeeiros novos, que contam atualmente 2 anos e 4 meses e onde se esperam colher na próxima safra 60 arrobas por mil pés. Esse "milagre paranaense" nas chamadas "terras cansadas" das zonas antigas de São Paulo está sendo obtido à custa de proteção contra a erosão, adubação bem orientada (os talhões já receberam esterco de galinha na base de um quilo e meio por pé), espaçamento mais junto (14 por 15 palmos) visando à maior produtividade por área, sementes selecionadas do Instituto Agronômico e variedade de resultados experimentais consagrados (Bourbon 370). Os novos cafèzais são plantados em nível, como manda a boa técnica conservadora do solo, e substituem os velhos cafèzais em linha reta de antigamente — que davam uma impressão de ordem geométrica, mas que estragaram o solo e contribuiram para graves crises econômicas na lavoura de São Paulo.

Trata-se da cafeicultura intensiva, onde a defesa preventiva do solo, o adubo, a semente selecionada e outros cuidados técnicos são adotados com esmero. As plantações são pequenas. Ao invés de 200.000, 500.000 ou 1 milhão, fala-se em 10, 20, no máximo 50.000. E as primeiras informações sobre as novos cafeeiros, obedientes à moderna técnica agronômica, são de que eles prometem tanto ou mais que as lavouras de terra virgem do norte do Paraná. E têm a vantagem de se situarem perto dos grandes centros de consumo e exportação.

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 4 CARTA MENSAL DO MERCADO Abril de 1952

SITUAÇÃO ECONÔMICA GERAL: O curso dos preços desde a segunda quinzena de Dezembro foi caraterizado por pequenas oscilações com maior intensidade nos movimentos descendentes. Em consequência os índices gerais em todos os níveis econômicos mostram debilidade com notável tendência baixista. E o mês de Março decorreu sem acontecimentos que pudessem indicar uma alteração nesse rumo descendente. Contudo, continua presentes fôrças inflacionistas que bem poderão irromper em face de qualquer mudança radical na política nacional ou internacional e, por conseguinte, os observadores não se arriscam a predizer qual será o rumo definido da economia. Êles insistem que o movimento descendente atual representa um reajustamento dos preços para níveis mais reais perante a oferta e procura e também à vista dos aumentos desproporcionados que ocorreram como resultado da inflação provocada pela guerra na Coréia.

Os fatores que têm contribuido para essa situação de ligeira debilidade desde há tempo, são: 1) o público está bem abastecido depois das ativas compras que fez em seguida ao conflito na Coréia; 2) abundante produção industrial e agrícola, segundo as estimativas oficiais; 3) o programa de defesa foi prolongado e não provocou a onda inflacionista que a princípio se esperava, e 4) o efeito dos altos impostos no poder de compra do público. Alguns observadores dizem que o fato do país confrontar um ano de eleições, a atividade econômica vae ser afetada pela política e até certo ponto os preços ver-se-ão sob pressão.

Índices Gerais: No quadro abaixo poder-se-á ver o comportamento dos preços em Março em comparação com Fevereiro último e com o mês de Março do ano passado bem como com a média correspondente ao semestre de antes da guerra na Coréia. Os preços de todos os produtos no mercado físico, registraram outra vez a maior baixa, comparados com os preços nos outros setores. O índice para Março a 304,3 é 3,1% inferior ao do mês anterior de Fevereiro, durante o qual foi em média de 213,9. E' também 19,9 menor que o índice de Março de 1951 mas mantém-se ainda 20,5% mais alto que o índice médio que prevaleceu no semestre anterior à guerra na Coréia.

O nível de preços por atacado registrou uma pequena baixa de 0,2% pois seu índice permaneceu em março a 112,3 em comparação com a média de 112,5 em fevereiro anterior. Essa descida colocou o índice 4% abaixo da média de março de 1951, que foi 116,5, mas mantém ainda um ganho de 13,7% sôbre a média de 98,8 durante o semestre anterior à guerra na Coréia.

Dados preliminares sôbre a média de preços no varejo indicam outra redução para Março, isto é, a segunda baixa nos últimos oito meses. Êsses dados indicam uma ligeira baixa de 0,3% do nível que prevaleceu em fevereiro último. Êsse índice a 187,3 é, contudo, 1,5% superior à média registrada em Março de 1951 e mantem-se 11,6% acima do nível médio que prevaleceu durante o semestre anterior à guerra na Corréia.

Índices de Preços	Média antes de Coréia	Março 1951	Fevereiro 1952	Março 1952	Mudança em Percentagem Março de 1952 Desde Pre-Coréia	Desde Mar., 51	Desde Fev., 1952
Físico, todos produtos, Agôsto, 1930=100	252,5	380,0	313,9	304,3	+20,5	—19,9	—3,1
Atacado, todos produtos 1947-49=100 ..	98,8	116,5	112,3	112,3	+13,7	— 4,0	—0,2
Varejo, todos produtos 1935-39=100 ..	167,8	184,5	187,9	187,3*	+11,6	+ 1,5	—0,3

*) Estimativa.

Conflitos Operários: Greves e ameaças de greves por parte dos sindicatos operários ocuparam a atenção da imprensa durante o mês. A questão operária neste país reveste-se de tal importância que vale bem a pena condensar aqui os comentários da imprensa a êsse respeito.

A recusa por parte da indústria siderúrgica de conceder o aumento de salários para os seus trabalhadores recomendado pelo Escritório de Estabilização de Salários, levou o Govêrno a apoderar-se das fábricas de aço, por ordem do Presidente Truman de 8 de Abril, com o fim de evitar a greve dos respectivos operários. A ação presidencial serviu para adiar essa greve apenas por 22 dias, de vez que o Tribunal anulou aquela ordem do Presidente Truman como sendo anti-Constitucional e os operários imediatamente abandonaram o trabalho.

Além da crise na indústria siderúrgica, a indústria de petróleo também está sofrendo os efeitos de uma greve operária. Simultâneamente os operários dos sistemas telegráficos e telefônicos também declararam greves em várias cidades do país. E a imprensa fala da possibilidade de greves noutras indústrias. Por exemplo, a luta interna entre os sindicatos rivais ameaça outra paralização nas docas de Brooklyn.

Os observadores realçam o fato de que essas greves, principalmente nas indústrias siderúrgicas e de petróleo têm sérias consequências. Êles predizem que se tais greves continuarem, numerosas indústrias que dependem de aço e petróleo ver-se-ão na necessidade de reduzir ou suspender suas atividades. Isso poderia provocar considerável redução na atividade econômica do país. De momento, sabe-se que os suprimentos tanto de aço como de petróleo são adequados para manter o rítmo da produção atual por um certo tempo — aliás bastante limitado no caso de petróleo — e não se esperam, portanto, consequências sérias no futuro imediato. Contudo, fazem-se muitas conjecturas sôbre o efeito eventual na economia do país no caso do movimento grevista se prolongar.

No que diz respeito ao café, a hipótese de longas greves só poderia ser prejudicial ao produto. O volume de café torrado seria dràsticamente reduzido de vez que para essa atividade industrial os derivados de petróleo são os produtos mais usados não só alí mas também para gerar a energia elétrica necessária em tôda a atividade mecânica. O desaparecimento de aço deveria eventualmente provocar o desaparecimento das latas para empacotar o pó.

Como o café é apenas um produto entre uma multidão de artigos que seriam afetados em maior ou menor grau pelo atual movimento grevista, sem mencionar seus efeitos sôbre o programa de defesa, torna-se evidente que uma solução rápida do problema será encontrada. O tempo que levará tal solução determinará até que ponto a vida econômica do país vae ser prejudicada.

Comentários: Do Boletim Mensal do National City Bank. Abril de 1952: "Exceptuando as notícias sôbre a indústria siderúrgica, os negócios decorreram mais ou menos como nos meses anteriores."

Da revista "Magazine of Wall Street", de 22 de Março: "Apesar de que os negócios em geral continuam relativamente bons, há indícios de nuvens no horizonte econômico... As considerações sôbre a possibilidade de uma contração nos negócios em 1952 deixaram de ser pura retórica."

Da revista "U.S. News World Report": "A capacidade produtiva do país está em condições de prover as armas que se necessitam e um grande volume de artigos para o consumo da população civil."

SITUAÇÃO ECONÔMICA DO CAFÉ: Durante o mês de Março o mercado de café em geral não presenciou alterações de consequência em comparação com o mês anterior. A procura por parte dos torradores continuou limitada, relativamente, dando ao mercado um tom de inatividade. Contudo, as importanções do grão continuam substanciais calculando-se em 2.200.000 sacas para o mês. Considera-se que o mercado está se mantendo excepcionalmente bem dentro da lentidão e limitado número das operações e espera-se o reaparecimento da atividade dos compradores à vista da firme posição estatística do café no mercado mundial.

No que respeita aos preços, durante a primeira parte do mês registraram-se ganhos no têrmo e no mercado do grão, que não puderam ser mantidos durante a segunda quinzena, e que finalmente deixaram os preços a um nível ligeiramente mais baixo em comparação com o nível de Fevereiro. No Contrato "S" da Bolsa de Café de Nova York, os preços foram em média de 0,03/c a 0,16/c mais altos que os de Fevereiro com excepção da posição imediata de Março. Entrementes o termo brasileiro sofreu baixas desde 169 pontos no Contrato "D" até 338 pontos no Contrato "Rio". Contudo, o total de lotes vendidos durante Março nos mercados a têrmo excedeu as vendas de Fevereiro desde +26 lotes no Contrato "Rio" até +143 no Contrato "S" de Nova York.

No mercado físico, os preços para Santos 4 foram em média de 52,10/c para o mês de Março na base FOB, comparado com a média de 52,75/c para o mês anterior. Os Excelsos colombianos foram cotados a uma média de 57,25/c na base ex-doca Nova York durante o mês em comparação com 57,75/c durante o mês de Fevereiro. No mercado físico de Nova York a descida dos preços foi um pouco menos pronunciada, sendo o Santos 4 cotado na média de 54,27/c e os Excelsos em 57,25/c comparado com as médias de 54,60/c e 57,90/c respectivamente em Fevereiro.

Comparado com o mês de Março de 1951, o Santos 4 foi cotado em média 0,5% mais baixo durante Março último. Similarmente os Excelsos encontram-se 3,7% mais baixos. Tomando a média do trimestre Janeiro-Março, encontramos que o Santos 4 está sendo cotado em Nova York a 54,51/c por libra-pêso comparado com a média de 54,94/c durante o mesmo período do ano passado, ou seja, 0,8% mais baixo. Os Excelsos no mesmo trimestre foram em média de 57,81/c por

libra comparado com uma média de 59,51/c para os mesmos três mêses em 1951, ou seja, 2,9% mais baixos. Como se vê, os tipos "suaves" baixaram notàvelmente relativamente ao tipo Santos. Isso deve-se principalmente ao fato de que os produtores de "suaves" estão encontrando vasto suprimento de seus cafés nos Estados Unidos como resultado de grandes compras feitas anteriormente e também porque nesta época do ano os "suaves" são oferecidos em grande volume devido às colheitas nà Colômbia, México e América Central.

MÉDIA DOS PREÇOS DO CAFÉ NO MERCADO FÍSICO DE NOVA YORK

c/ por libra-pêso

	Primeiro Trimestre		Março		Mudança em Percentagem de 1951 a 1952	
	1951	1952	1951	1952	Trimestre	Março
Santos 4	54,94	54,51	54,55	54,27	—0,8	—0,5
Excelsos	59,51	57,81	59,45	57,25	—2,9	—3,7

Importação nos Estados Unidos: Com a estimativa para o mês de Março de um total de 2.200.000 sacas, o total importado no primeiro trimestre do ano corrente atinge 6.458.026 sacas. Essa cifra é de comparar com o total de 6..684.329 sacas importadas durante o mesmo período de Janeiro-Março do ano passado. Com a excepção do mês de Janeiro do ano em curso, as importações de café brasileiro excederam um milhão de sacas em todos os meses em ambos períodos e constituiram mais de 50% das importações totais de cada mês:

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

Sacas de 60 quilos

	1951			1952		
	Brasil	Outros	Total	Brasil	Outros	Total
Janeiro	1.059.902	1.159.816	2.219.718	831.026	1.139.914	1.970.940
Fevereiro	1.051.727	1.072.129	2.123.856	1.043.955	1.243.131	2.287.086
Março	1.275.515	1.065.240	2.340.755	1.188.000*	1.012.000*	2.200.000*
Total,	**3.387.144**	**3.297.185**	**6.684.329**	**3.062.981**	**3.395.045**	**6.458.026**

*) Estimativa.

E' de notar que as importações durante os três primeiros meses do ano foram substanciais apesar de que a procura enfraqueceu. Por conseguinte, estima-se que os estoques neste país têm estado em aumento. O total de café nos Estados Unidos em mãos dos importadores e torradores, era de 3.380.000 sacas a 31 de Dezembro de 1951 e calcula-se que para 31 de Março era de 4.018.970 sacas — um aumento de 638.970 sacas durante os três primeiros meses do ano. A seguir. apresenta-se um quadro, de fonte extra-oficial, sôbre a estimativa dos estoques neste país:

ESTIMATIVA DO AUMENTO NOS ESTOQUES DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

Sacas de 60 quilos

	Estimativa do Consumo			Importação	Aumento
1952	Civil	Exército*	Total	Líquida**	nos Estoques
Janeiro	1.774.582	39.317	1.813.899	1.955.872	141.973
Fevereiro	1.798.431	39.312	1.837.743	2.127.457	289.714
Março	1.813.858	60.859	1.874.717	2.082.000	207.283

*) Compras feitas pelas Fôrças Armadas.
**) Importação total menos re-exportações totais.

ATIVIDADES DO BUREAU PAN-AMERICANO DO CAFÉ: O Bureau ideou um novo programa para induzir o público norte-americano a consumir mais café e com maior frequência. Trata-se da pausa para o café. A mensagem que o Bureau vae divulgar através do país é como segue: "A qualquer hora, em qualquer circunstância, faça-se uma pausa no trabalho para tomar café e gozar seus benefícios." Durante o mês de Abril essa campanha inclue anúncios em côres de uma página nas revistas de maior circulação dos Estados Unidos, "Life" e "Saturday Evening Post", propaganda que será complementada por outra série de anúncios nas principais revistas femininas e nos suplementos dominicais dos diários mais importantes. Além disso, o Bureau vae fazer propaganda pelo rádio da "pausa para o café" cinco vezes por semana durante o resto do ano, por 119 estações de rádio das mais importantes do país.

O Bureau preparou também material de anúncios destinado para exibição nos lugares de venda e nos restaurantes exortando o público a fazer uma "pausa para o café". Êsse material é distribuído pela metade de preço aos torradores com o fim de induzí-los a usar tais anúncios em suas campanhas.

O gerente do Bureau acaba de percorrer o país com o fim de mostrar ao comércio o material da nova campanha e para indicar a vantagem de sua cooperação na propaganda do Bureau.

Outras Atividades: Durante o passado mês de Março o Bureau distribuiu entre alunos e professores de todo o país cêrca de 49.442 exemplares de livrinhos elementares sôbre o café como parte de seu programa educativo. Além disso, foram distribuidos 7.530 manuais de estudos sociais sôbre o café; 73.909 exemplares de estudos sôbre economia doméstica aconselhando o uso de café como ingrediente em receitas culinárias. Filmes educativos sôbre o café foram exibidos 18 vezes em diferentes cidades perante um público aproximado de 150.000 pessoas.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATISTÍCO

ANO XVIII — São Paulo, 14 de Maio de 1952 — N.º 316

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1951/1952
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julh./mar.	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	3.ª dezena abril	Totais
Santos a Jundiaí	128 990	—	—	—	128 990
Sorocabana	942 589	300	992	47	943 928
Paulista	1 901 342	—	336	—	1 901 678
Mogiana	514 668	—	113	—	514 781
Araraquara	625 192	—	—	1 130	626 322
N. Brasil	1 286 547	—	—	—	1 286 547
C. Brasil	540	—	—	(*)	540
Estrada de Rodagem	402	—	—	—	402
Total	**5 400 270**	**300**	**1 441**	**1 177**	**5 403 188**

NOTAS: Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. (*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de Abril da E. F. Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/março	346 930	332 949	8 732	53 621	742 232
1.ª dez. abril	—	231	—	—	231
2.ª dez. abril	744	1 590	—	—	2 334
3.ª dez. abril	486	3 100	—	—	3 586
Total	**348 160**	**337 870**	**8 732**	**53 621**	**748 383**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julh./mar.	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	3.ª dezena abril	Totais
Paraná	137 198	—	—	(*) —	137 198
Minas Gerais	108 853	—	—	(*) —	108 855
Goiás	21 298	—	—	—	21 298
Goiás (Rod.)	1 500	—	—	—	1 500
Mato Grosso	5 982	—	—	—	5 982
Total	**274 831**	**—**	**—**	**—**	**274 831**

(*) Incompletos

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 30 DE ABRIL DE 1952)

Paulista	Despachado	Liberado	D. alterado e Anulado	A liberar
Anteriores	1 280 727	1 278 620	2 107	—
1.ª dez. agôsto 51	447 156	447 084	72	—
2.ª " " "	421 097	420 444	—	653
3.ª " " "	648 522	648 376	138	8
1.ª " setembro "	429 157	428 855	160	142
2.ª " " "	552 448	548 536	1 024	2 888
3.ª " " "	440 488	378 696	6 305	55 487
1.ª " outubro "	302 296	—	2 293	300 003
2.ª " " "	193 287	—	3 684	189 603
3.ª " " "	189 672	—	3 270	186 402
1.ª " novembro "	80 893	—	590	80 303
2.ª " " "	76 477	—	140	76 337
3.ª " " "	66 946	—	1 700	65 246
1.ª " dezembro "	57 160	—	971	56 189
2.ª " " "	58 588	—	120	58 468
3.ª " " "	39 105	—	—	39 105
1.ª " janeiro 52	20 145	—	—	20 145
2.ª " " "	18 711	—	—	18 711
3.ª " " "	20 853	—	—	20 853
1.ª " fevereiro "	12 087	—	500	11 587
2.ª " " "	11 842	—	—	11 842
3.ª " " "	6 026	—	—	6 026
1.ª " março "	3 485	—	—	3 485
2.ª " " "	4 128	—	—	4 128
3.ª " " "	4 175	—	—	4 175
1.ª " abril "	300	—	—	300
2.ª " " "	1 441	—	—	1 441
3.ª " " "	1 177	—	—	1 177
Total	**5 388 389**	**4 150 611**	**23 074**	**1 214 704**
Despolpado	14 397	14 397	—	—
Rodoviário	402	—	402	—
Total Geral	**5 403 188**	**4 165 008**	**23 476**	**1 214 704**

Outros Estados (até 3.ª dezena de abril)				
Paranaense	137 198	83 330	710	53 158
Mineiro (*)	108 853	83 872	872	24 109
Goiano	21 298	17 522	—	3 776
Goiano (Rodov.)	1 500	871	—	629
Matogrossense	5 982	5 082	—	900
Total	**274 831**	**190 677**	**1 582**	**82 572**

BOS.: — Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
— Destino alterado p/ "Interior e Cap." 21 033
— Anulado 395 **23 074**

— Safra 50/51 — por liberar (dependendo de Ação Judicial) 1 080 sacas

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1952 — SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1951		
julho	279.271	282.021
agôsto	390.108	410.182
setembro	442.806	531.090
1.º trimestre:	1.112.185	1.223.293
outubro	703.560	615.614
novembro	729.740	509.561
dezembro	766.711	611.090
2.º trimestre:	2.200.011	1.736.265
1.º semestre:	3.312.196	2.959.558
1952		
janeiro	400.023	455.039
fevereiro	401.736	308 851
março	400.000	425.783
3.º trimestre:	1.201.759	1.189.673
9 meses:	4.513.955	4.149.231
abril	293.562	176.912

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS					Total
	S. Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Goiás	
E.F.C. do Brasil	2.376	8.439	—	—	—	10.815
E.F. Leopoldina	—	25.812	4.760	11.723	—	42.295
Regulador	—	—	—	49.163	—	49.163
Rodoviário	3.940	139.032	4.620	43.337	360	191.289
Total	6.316	173.283	9.380	104.223	360	293.562

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MARÇO DE 1952

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Santos	803 075	168	925	804 168
Rio de Janeiro	425 363	51	420	425 834
Vitória	34 239	—	19 985	54 224
Paranaguá	212 040	—	—	212 040
Angra dos Reis	16 420	—	—	16 420
Salvador	581	—	1 569	2 150
Recife	4 436	—	—	4 436
Total	**1 496 154**	**219**	**22 899**	**1 519 272**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Total de Janeiro a Março	**4 411 974**	**683**	**83 844**	**4 496 501**

NOTA: — Cifras sujeitas a retificação.

O PRECEITO DO DIA

PROTEJA OS RINS

O sal de cozinha, além de ser indispensável ao bom funcionamento dos órgãos, torna mais saborosos os alimentos. Mas nem por isso se deve abusar das iguarias salgadas. O sal é eliminado, em grande parte, pelos rins, e, quando em excesso, pode irritá-los, causando sérias desordens no organismo.

Proteja os rins, evitando o abuso de sal na alimentação. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

MARÇO DE 1952

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:		
EGITO: Alexandria	250	312 731
LÍBIA:	2 050	2 405 891
Bengasi	2 000	2 343 671
Trípoli	50	62 220
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	2 533	2 750 664
SUDOESTE AFRICANO: Luderitz Bay	25	25 612
UNIÃO SUL AFRICANA:	7 914	8 630 732
Cape Town	1 788	1 858 344
Durban	3 866	4 414 465
Mossel Bay	1 210	1 296 752
Port Elizabeth	1 050	1 061 171
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	23 097	28 650 570
Halifax	500	614 340
Montreal	13 092	16 294.301
Toronto	1 850	2 298 456
Vancouver	7 155	8 827 881
Winnipeg	500	615 592
ESTADOS UNIDOS:	887 648	1 086 893 068
Baltimore	56 340	69 571 630
Boston	27 355	33 516 170
Corpus Christi	3 000	3 701 023
Filadélfia	6 227	7 706 260
Houston	63 504	77 559 267
Jacksonville	27 975	34 344 640
Los Angeles	30 423	37 246 663
Nova Orleans	216 629	262 501 199
Nova York	345 506	423 407 151
Norfolk	5 139	6 252 200
Portland	4 598	5 654 507
São Francisco	63 434	79 261 708
Seattle	35 268	43 455 868
Tacoma	2 250	2 714 782
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	24 293	28 695 797
Buenos Aires	22 811	27 102 569
Rosário	1 482	1 593 228
CHILE:	15 877	16 554 597
Antofagasta	115	126 188
Arica	40	43 193

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Coquimbo	45	49 378
Corral	130	138 829
Iquique	60	64 790
Puerto Montt	60	65 837
Punta Arenas	694	747 491
Talcahuano	2 617	2 703 861
Valparaiso	12 116	12 615 030
PARAGUAI: Assunção	900	1 166 378
URUGUAI: Montevidéu	450	497 193
ASIA:		
CHIPRE:	**825**	**926 771**
Famagusta	625	718 568
Limassol	200	208 203
IRAQUE: via Beirute	14 833	17 101 358
ISRAEL: Gaza	169	190 229
JAPÃO:	**1 457**	**1 911 581**
Cobe	413	538 080
Iocoama	939	1 236 641
Osaca	105	136 860
JORDÂNIA: Aman	165	188 237
TURQUIA:	**6 225**	**7 169 837**
Smyrna	3 000	3 365 251
Stambul	3 225	3 804 586
EUROPA:		
ALEMANHA:	**27 877**	**36 676 038**
Bremen	9 507	12 498 232
Frankfurt	3 038	3 989 210
Hamburgo	15 322	20 188 596
AUSTRIA: via Triste	159	213 406
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.:		
Antuérpia	21 326	26 120 981
DINAMARCA: Copenhague	28 640	35 848 426
FINLÂNDIA: Helsink	90 333	101 731 231
FRANÇA:	**100 604**	**122 759 454**
Bordeaux	1 140	1 385 340
Dunquerque	15 675	18 258 406
Havre	68 399	83 981 378
Marselha	11 800	14 609 475
Strasburgo	3 590	4 524 855
GIBRALTAR:	500	591 898
GRÃ-BRETANHA:	**23 160**	**26 990 123**
Liverpool	11 500	13 616 514
Londres	11 660	13 373 609
GRÉCIA: Piréus	8 640	9 598 187

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
HOLANDA:	**20 638**	**26 147 097**
Amsterdam	15 380	19 621 608
Rotterdam	5 258	6 525 489
ISLÂNDIA: Reykjavik	3 210	3 737 205
ITÁLIA:	**14 364**	**17 379 175**
Ancona	100	128 660
Catânia	86	105 382
Gênova	5 773	7 089 188
Livorno	964	1 181 176
Messina	213	206 029
Monfalcone	459	542 717
Nápoles	3 285	3 878 183
Palermo	574	592 280
Pôrto Tôrres	99	111 303
Riposto	74	79 655
Spezia	257	348 570
Veneza	2 480	3 116 032
NORUEGA:	**36 000**	**44 620 444**
Bergen	3 000	3 693 660
Oslo	26 000	32 269 620
Stavanger	1 000	1 244 100
Trondhjein	6 000	7 413 064
POLÔNIA: Gdinia	1 646	1 974 968
SUÉCIA:	**116 647**	**150 064 868**
Estocolmo	52 267	67 176 671
Gotemburgo	40 878	52 552 384
Helsingborg	16 544	21 377 107
Malmo	6 958	8 958 706
SUIÇA:	**13 200**	**14 895 247**
via Amsterdam	7 694	8 775 766
via Antuérpia	3 000	3 324 214
via Gênova	2 506	2 795 267
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA: Sydney	499	634 042
TOTAL GERAL:	**1 496 154**	**1 824 054 036**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhe pelos portos de procedência

1º — Trimestre de 1952

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Canárias	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
	Vitória	2 500	2 429 513
	Total	**7 942**	**7 830 133**
Egito	Santos	250	312 731
	Rio de Janeiro	13 496	14 342 819
	Vitória	2 000	2 093 249
	Total	**15 746**	**16 748 799**
Libra	Rio de Janeiro	2 050	2 405 891
Marrocos Espanhol	Vitória	3 500	3 465 514
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	1 775	1 823 341
	Vitória	10 231	10 696 537
	Total	**12 006**	**12 519 878**
Rodésia do Sul	Santos	50	62 839
Sudão Anglo-Egipcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	125	131 084
Tanger	Vitória	2 500	2 839 253
União Sul Africana	Santos	1 063	1 339 377
	Rio de Janeiro	12 363	13 137 223
	Total	**13 426**	**14 476 600**
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	46 682	58 108 982
	Rio de Janeiro	3 530	4 245 435
	Angra dos Reis	750	897 814
	Paranaguá	12 378	14 916 668
	Total	**63 340**	**78 168 899**
Estados Unidos	Santos	1 464 193	1 813 937.178
	Rio de Janeiro	473 590	560 098 587
	Vitória	42 275	40 912 111
	Angra dos Reis	71 849	88 371 546
	Paranaguá	501 799	602 703 508
	Total	**2 553 706**	**3 106 022 930**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	20 357	25 701 089
	Rio de Janeiro	54 333	61 116 895
	Vitória	17 350	17 749 537
	Paranaguá	192	263 040
	Total	**92 232**	**104 830 561**
Chile	Rio de Janeiro	2 407	2 703 035
	Vitória	13 470	13 851 562
	Total	**15 877**	**16 554 597**
Paraguai	Rio de Janeiro	1 200	1 530 568
Uruguai	Rio de Janeiro	4 050	4 272 561
ÁSIA:			
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	7 140	7 843 377
	Vitória	250	250 887
	Total	**7 565**	**8 319 740**
Filipinas	Santos	325	409 472
Iraque	Rio de Janeiro	45 936	49 220 470
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	3 685	4 776 079
Jordânia	Rio de Janeiro	4 398	4 570 371
Líbano	Rio de Janeiro	2 990	3 013 108
Síria	Rio de Janeiro	415	417 893
Turquia	Rio de Janeiro	23 900	26 054 247
EUROPA:			
Alemanha	Santos	143 719	187 823 451
	Rio de Janeiro	17 602	22 118 792
	Angra dos Reis	4 403	5 546 000
	Paranaguá	9 017	11 328 305
	Bahia	302	373 354
	Total	**175 043**	**227 189 902**
Áustria	Santos	282	354 752
	Rio de Janeiro	258	317 191
	Total	540	671 943

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Belgo-Lux. U. E.	Santos	42 384	54 359 679
	Rio de Janeiro	43 049	48 558 175
	Vitória	6 618	6 755 054
	Paranaguá	10 568	12 942 276
	Total	**102 619**	**122 615 184**
Dinamarca	Santos	63 744	78 834 223
	Rio de Janeiro	16 601	18 984 716
	Total	**80 345**	**97 818 939**
Finlândia	Santos	64 293	82 512 736
	Rio de Janeiro	119 999	128 280 006
	Total	**184 292**	**210 792 742**
França	Santos	63 751	81 960 210
	Rio de Janeiro	118 513	132 564 985
	Vitória	12 362	11 868 642
	Paranaguá	15 987	19 665 967
	Bahia	1 660	2 048 277
	Recife	12 415	15 186 581
	Total	**224 688**	**263 294 662**
Gibraltar	Rio de Janeiro	2 916	3 079 403
	Santos	2 000	1 946 204
	Total	**4 916**	**5 025 607**
Grã-Bretanha	Santos	20 000	24 844 143
	Rio de Janeiro	35 280	38 651 942
	Paranaguá	58 812	69 844 484
	Bahia	250	290 257
	Total	**114 342**	**133 630 826**
Grécia	Rio de Janeiro	8 640	9 598 187
Holanda	Santos	92 141	117 054 802
	Rio de Janeiro	21 010	23 076 868
	Vitória	5 000	5 086 212
	Angra dos Reis	1 000	1 214 400
	Paranaguá	7 847	9 735 441
	Bahia	500	605 640
	Total	**127 498**	**156 773 363**
Islândia	Rio de Janeiro	6 020	6 775 533
Itália	Santos	48 237	62 475 920
	Rio de Janeiro	36 149	38 715 664
	Vitória	14 209	14 134 914
	Paranaguá	1 054	1 328 770
	Bahia	2 352	2 784 763
	Recife	3 201	3 743 050
	Total	**105 202**	**123 183 081**
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	**7 662**	**8 886 491**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Malta	Rio de Janeiro	2 000	2 266 283
	Vitória	110	106 615
	Total	**2 110**	**2 372 898**
Noruega	Santos	19 250	23 674 571
	Rio de Janeiro	26 250	32 355 000
	Paranaguá	18 000	21 704 430
	Total	**63 500**	**77 734 001**
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Suécia	Santos	222 360	284 569 895
	Rio de Janeiro	44 915	50 655 474
	Angra dos Reis	7 325	9 224 479
	Paranaguá	13 726	16 829 153
	Bahia	863	1 096 608
	Total	**289 189**	**362 375 609**
Suíça	Santos	1 275	1 675 037
	Rio de Janeiro	14 896	16 797 431
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	**21 171**	**23 498 642**
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	3 500	3 859 800
Trieste	Santos	5 985	7 327 860
	Rio de Janeiro	2 589	2 812 140
	Vitória	500	475 527
	Total	**9 083**	**10 615 527**
Austrália	Santos	499	634 042
TOTAL GERAL:		**4 411 974**	**5 320 528 088**

O PRECEITO DO DIA

RELÓGIO E ESTÔMAGO

Afase da digestão que se passa no estômago dura cêrca de quatro horas. Esgotado êsse tempo, o que se comeu já passou para o intestino e só então o estômago está em condições de receber mais alimento.

Procure espaçar de quatro horas as refeições, para dar tempo a que o estômago se esvazie. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

2 — Portos de procedência

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	2 104 955	2 637 533 502	2 328 362	2 917 581 389	+ 223 407	+280 047 887
Rio de Janeiro	1 020 753	1 139 667 976	1 187 487	1 350 614 383	+ 166 734	+210 946 407
Vitória	86 059	89 439 330	139 875	139 687 505	+ 53 816	+ 50 248 175
Angra dos Reis	65 144	78 490 653	85 327	105 254 239	+ 20 183	+ 26 763 586
Paranaguá	1 013 603	1 233 747 709	649 380	781 262 042	— 364 224	—452 485 667
Bahia	9 786	11 529 225	5 927	7 198 899	— 3 859	— 4 330 326
Recife	28 312	33 070 433	15 616	18 929 631	— 12 696	— 14 140 802
TOTAL:	**4 328 612**	**5 223 478 828**	**4 411 974**	**5 320 528 088**	+ 83 362	+ 97 049 260

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

III — Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países do destino, segundo a procedência

JANEIRO A MARÇO DE 1952

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AFRICA:								
CANÁRIAS:								
Las Palmas	—	2 500	—	—	—	—	—	2 500
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO: Alexandria	250	13 495	2 000	—	—	—	—	15 746
LIBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Tripoli	—	50	—	—	—	—	—	50
MARROCOS ESPANHOL:								
via Tanger	—	—	3 500	—	—	—	—	3 500
MARROCOS FRANCES:								
Casablanca	—	1 775	10 231	—	—	—	—	12 006
RODÉSIA DO SUL: via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃO ANGLO-EGIPCIO:								
Pôrto Sudão	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	25	—	—	—	—	—	25
Walvis Bay	—	100	—	—	—	—	—	100
TANGER:	—	—	2 500	—	—	—	—	2 500
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	313	3 575	—	—	—	—	—	3 888
Durban	525	4 791	—	—	—	—	—	5 316
Mossel Bay	—	1 722	—	—	—	—	—	1 722
Port Elizabeth	225	2 275	—	—	—	—	—	2 500
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
London	250	—	—	—	—	—	—	250
Montreal	25 919	500	—	—	818	—	—	27 237
Saint John	500	—	—	—	—	—	—	500
Toronto	4 648	400	—	—	500	—	—	5 548
Vancouver	11 915	1 630	—	750	9 810	—	—	24 105
Winnipeg	750	750	—	—	1 000	—	—	2 500
Via Nova York	350	—	—	—	—	—	—	350
ESTADOS UNIDOS:								
Baltimore	112 113	27 342	—	1 000	25 900	—	—	166 355
Boston	46 518	10 200	—	—	25 676	—	—	82 394
Charleston	2 323	2 000	—	—	—	—	—	4 323
Corpus Christi	—	—	—	1 000	2 000	—	—	3 000
Filadélfia	20 941	6 000	—	—	4 237	—	—	31 178
Houston	54 444	46 000	4 500	5 642	33 176	—	—	143 762
Jacksonville	81 250	21 250	—	—	—	—	—	102 500
Los Angeles	28 967	14 201	—	2 000	33 140	—	—	78 308
New Orleans	301 799	132 537	36 775	29 295	148 648	—	—	649 054
New York	663 431	174 160	—	12 162	201 915	—	—	1 051 668
Norfolk	17 103	2 500	1 000	—	2 250	—	—	22 853
Portland	6 218	2 250	—	1 250	5 200	—	—	14 918
São Francisco	77 665	31 900	—	18 000	11 232	—	—	138 797
Seattle	51 421	3 250	—	1 500	6 175	—	—	62 346
Tacoma	—	—	—	—	2 250	—	—	2 250
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	20 357	49 139	15 614	—	192	—	—	85 302
Rosário	—	5 194	1 736	—	—	—	—	6 930
CHILE:								
Antofagasta	—	—	115	—	—	—	—	115
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	—	130	—	—	—	—	130

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Montt	—	—	60	—	—	—	—	60
Punta Arenas	—	125	569	—	—	—	—	694
Talcahuano	—	300	2 317	—	—	—	—	2 617
Valparaiso	—	1 982	10 134	—	—	—	—	12 116
PARAGUAI: Assunção	—	1 200	—	—	—	—	—	1 200
URUGUAI: Montevidéu	—	4 050	—	—	—	—	—	4 050
ASIA:								
ADEN: via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	2 252	—	—	—	—	—	2 427
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limassol	—	2 566	—	—	—	—	—	2 566
FILIPINAS: Manila	325	—	—	—	—	—	—	325
IRAQUE: via Beirute	—	45 936	—	—	—	—	—	45 936
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Cobe	1 210	—	—	—	—	—	—	1 210
Iocoama	2 370	—	—	—	—	—	—	2 370
Osaca	105	—	—	—	—	—	—	105
JORDÂNIA: Aman	—	4 398	—	—	—	—	—	4 398
LIBANO: Beirute	—	2 990	—	—	—	—	—	2 990
SÍRIA: Lattakia	—	415	—	—	—	—	—	415
TURQUIA:								
Smyrna	—	4 875	—	—	—	—	—	4 875
Stambul	—	19 025	—	—	—	—	—	19 025
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	43 559	4 854	—	1 174	1 844	—	—	51 431
Frankfur	8 038	—	—	—	—	—	—	8 038
Hamburgo	91 897	12 748	—	3 229	7 173	302	—	115 349

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Verdingen	225	—	—	—	—	—	—	225
ÁUSTRIA:								
via Amsterdam	282	—	—	—	—	—	—	282
via Trieste	—	258	—	—	—	—	—	258
BELGO-LUX. U. E.: Antuérpia	42 384	43 049	6 618	—	10 568	—	—	102 619
DINAMARCA: Copenhague	63 744	16 601	—	—	—	—	—	80 345
FINLÂNDIA: Helsinki	64 293	119 999	—	—	—	—	—	184 292
FRANÇA:								
Bordeaux	1 250	4 750	—	—	250	—	890	7 140
Dunquerque	1 000	19 425	750	—	1 250	—	—	22 425
Havre	40 752	74 073	4 487	—	13 737	535	9 775	243 359
Marselha	19 166	18 108	7 125	—	750	650	1 750	47 549
Strasburgo	1 583	2 157	—	—	—	475	—	4 215
GIBRALTAR:	—	2 916	2 000	—	—	—	—	4 916
GRÃ-BRETANHA:								
Liverpool	—	—	—	—	11 500	—	—	11 500
Londres	20 000	35 280	—	—	47 312	250	—	102 842
GRÉCIA: Pireus	—	8 640	—	—	—	—	—	8 640
HOLANDA:								
Amsterdam	78 908	20 510	2 500	1 000	6 472	500	—	109 890
Rotterdam	13 233	500	2 500	—	1 375	—	—	17 608
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	6 020	—	—	—	—	—	6 020
ITÁLIA:								
Ancona	235	165	—	—	—	—	—	400
Bari	192	262	125	—	—	—	—	579
Caliari	—	125	—	—	—	—	—	125
Catania	276	599	288	—	—	—	—	1 163
Genova	25 379	7 540	7 107	—	600	1 848	2 368	44 842
Livorno	2 816	737	698	—	125	—	—	4 376
Messina	31	320	382	—	—	—	—	733
Monfalcone	168	959	250	—	—	389	125	1 391
Napoles	10 918	16 638	2 327	—	329	—	—	30 212
Palermo	235	2 363	220	—	—	—	—	2 818

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Pôrto Tôrres	190	463	442	—	—	—	—	1 095
Riposto	—	125	74	—	—	—	—	199
Spezia	257	—	—	—	—	—	—	257
Veneza	7 540	5 853	2 296	—	—	115	708	16 512
IUGOSLÁVIA:								
Bijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: Valeta	—	2 000	110	—	—	—	—	2 110
NORUEGA:								
Bergen	4 500	4 000	—	—	3 000	—	—	11 500
Oslo	11 500	19 000	—	—	10 000	—	—	40 500
Stavanger	1 000	—	—	—	—	—	—	1 000
Trondjen	2 250	3 250	—	—	5 000	—	—	10 500
POLÔNIA: Gdinia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
SUÉCIA:								
Estocolmo	100 674	34 972	—	2 675	9 749	620	—	148 690
Gefle	—	500	—	—	—	—	—	500
Gotemburgo	72 924	5 893	—	2 275	2 964	243	—	84 299
Helsingborg	23 241	2 175	—	2 375	625	—	—	28 416
Malmo	25 521	1 375	—	—	388	—	—	27 284
SUIÇA:								
via Amsterdam	1 275	7 194	500	—	—	—	—	8 969
via Antuérpia	—	4 446	—	—	—	—	—	4 446
via Genova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
via Rotterdam	—	250	—	—	—	—	—	250
via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TCHECOSLOVÁQUIA:								
via Hamburgo	—	3 500	—	—	—	—	—	3 500
TRIESTE:	5 985	2 598	500	—	—	—	—	9 083
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA: Sidney	499	—	—	—	—	—	—	499
TOTAL GERAL:	**2 328 362**	**1 187 487**	**139 875**	**85 327**	**649 380**	**5 927**	**15 616**	**4 411 974**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — 1.º Trimestre de 1952, em comparação com o mesmo período de 1951

1 — Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+306 317 433
Fevereiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	—225 402 364
Março	1 489 071	1 897 919 845	1 496 154	1 824 054 036	+ 7 083	+ 16 234 191
TRES MESES:	4 328 612	5 223 478 828	4 411 974	5 320 528 088	+ 83 362	+ 97 049 260
Abril	1 012 208	1 239 152 373	—	—	—	—
Maio	1 172 545	1 431 355 616	—	—	—	—
Junho	914 292	1 105 370 898	—	—	—	—
Julho	891 810	1 063 395 804	—	—	—	—
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	—	—	—	—
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	—	—	—	—
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
Total	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1952	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Março de 1951	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
1950	1 826 289	625 632	68 832	28 820	165 181	36 704	29 598	2 781 056
1949	2 209 722	663 164	36 266	68 447	235 029	11 793	33 750	3 258 171
1948	2 161 642	766 076	72 667	63 429	252 175	16 285	46 657	3 378 926

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO E VITÓRIA

ABRIL DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 móle	Tipo 4 duro	Tipo 5 s/descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	198 00	196 50	194 00	170 00	149 90
2	197 50	195 50	193 50	170 00	149 10
3	197 50	195 50	193 50	171 00	148 90
4	197 50	195 50	193 50	171 00	150 50
7	197 50	195 50	193 50	169 00	149 80
8	197 00	195 50	193 00	169 00	147 50
9	197 00	195 50	193 00	169 00	148 00
14	196 50	195 00	192 50	169 00	148 80
15	196 50	195 00	192 50	168 00	148 50
16	196 50	195 00	192 50	165 00	147 60
17	196 50	195 00	192 50	165 00	147 30
18	196 50	195 00	192 50	165 00	147 30
19	—	—	—	—	—
22	196 50	194 50	192 50	165 00	148 30
23	196 50	194 50	192 50	163 50	147 90
24	196 50	194 50	192 50	160 00	147 50
25	196 50	194 50	192 50	159 00	146 30
28	196 50	194 50	192 50	160 00	145 70
29	196 50	194 50	192 50	164 00	146 80
30	196 50	194 50	192 50	164 00	149 80
Média	**196 84**	**194 53**	**192 63**	**166 13**	**148 19**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

S A F R A 1951/1952

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Existência
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 728	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Novembro	736 049	29 750	2 203	87 366	2 362	857 730	718 554	781 513	1 835	1 658 952
Dezembro	611 373	17 229	2 456	157 802	1 759	790 619	640 042	570 482	1 676	1 807 853
Janeiro	726 695	13 516	5 835	161 205	—	907 251	750 356	749 757	1 691	1 963 057
Fevereiro	699 660	15 160	2 909	8 977	733	727 439	774 516	773 786	5 635	1 910 345
Março	624 880	7 940	2 000	6 480	495	641 795	802 204	798 177	1 631	1 748 305
Abril	476 537	8 255	2 389	2 134	1 600	490 915	416 894	415 065	3 280	1 819 046
TOTAL	**5 985 513**	**200 804**	**34 971**	**565 402**	**11 377**	**6 798 067**	**6 523 377**	**6 513 584**	**23 413**	—

SANTOS

D	pachos	Café retirado do estoque	Est. de Café em Santos em poder do D.N.C. — Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Est. de Café em Santos em poder do D.N.C. — Existência
1	9 084	—	438	22 680	1 756 146
2	1 535	—	438	31 294	1 754 745
3	0 931	—	438	8 848	1 755 065
4	4 284	—	438	8 588	1 753 871
5	2 692	—	438	15 417	1 734 868
7	3 024	1 630	438	10 625	1 749 477
8	9 324	—	438	6 001	1 762 363
9	1 447	—	438	17 234	1 780 094
10	—	—	438	3 113	1 800 136
12	—	—	438	2 506	1 807 920
14	4 677	—	438	11 585	1 810 894
15	3 184	—	438	14 411	1 817 042
16	5 432	—	438	26 632	1 810 295
17	1 747	—	438	11 695	1 803 083
18	2 103	—	438	19 216	1 801 195
19	2 561	—	438	12 946	1 798 767
22	3 266	—	438	17 189	1 800 132
23	2 802	—	438	28 241	1 810 486
24	7 564	—	438	18 524	1 815 460
25	0 145	—	438	20 496	1 814 829
26	8 453	—	438	6 829	1 824 330
28	0 409	—	438	13 861	1 824 209
29	4 877	—	438	15 472	1 820 476
30	5 524	1 650	438	29 363	1 819 046
TOTAL	**5 065**	**3 280**	—	**372 766**	—

IO DE JANEIRO

EMBARQUES			Retirado do merc.	Consumo local	Existência
erior	Cabotagem	Total			
8 876	—	8 876	51	1 050	625 012
3 173	—	13 173	620	1 050	642 402
7 262	—	7 262	—	1 050	662 405
5 600	—	5 600	—	1 050	677 999
7 000	—	7 000	—	1 050	669 949
250	75	325	—	1 050	691 262
9 873	—	29 873	—	1 050	675 937
1 230	—	1 230	—	1 050	688 119
2 799	—	12 799	—	1 050	674 270
4 528	—	4 528	—	3 150	679 452
2 627	—	12 627	600	1 050	673 945
2 500	160	2 660	60	1 050	681 206
750	—	750	—	1 050	685 046
2 576	—	12 576	50	1 050	682 668
3 411	—	3 411	—	1 050	678 207
2 315	—	32 315	—	2 100	656 729
92	—	92	85	1 050	666 621
2 140	—	2 140	370	1 050	672 921
6 799	—	6 799	—	1 050	678 789
228	—	228	—	1 050	677 511
777	—	777	—	1 050	690 906
—	—	—	—	1 050	700 116
1 716	155	11 871	—	1 050	700 640
6 522	**390**	**176 912**	**1 836**	**27 300**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr)

ABRIL DE 1952

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	53 50	53 25	55 00	54 00	—	49 00
2	53 25	53 00	54 75	53 75	—	48 75
3	53 25	53 00	54 75	53 75	—	48 75
4	53 25	53 00	54 75	53 75	—	48 75
7	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 75
8	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
9	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
10	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
14	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
15	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
16	53 00	52 75	54 50	53 50	—	48 50
17	52 75	52 25	54 25	53 25	—	48 50
18	52 75	52 25	54 25	53 25	—	48 00
21	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
22	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
23	52 50	52 00	53 75	52 75	—	47 25
24	52 50	52 00	53 75	52 75	—	47 25
25	52 50	52 00	53 75	52 75	—	47 25
28	52 50	52 00	53 75	52 75	—	47 25
29	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 25
Média	**52 90**	**52 54**	**54 31**	**53 31**	**—**	**48 16**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Abril de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	5	12	19	26	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	55 3/4
Armenia	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	55 3/4
Manizales	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	55 3/4
Cucutá	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 1/2
Bogotá	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 1/2
Tolima	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 1/2
Ocana	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 1/2
COSTA RICA:					
Duro	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 56 00	(2) 56 00	56 5/8
Atlântico Fino	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	56 3/8
EQUADOR:					
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
Extra não lavado	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 48 00	(6) 48 00	48 1/2
GUATEMALA:					
Antigua	(*) 58 00	(*) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	58 00
Extra primeira	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 56 00	(2) 56 00	56 5/8
Lavado bom	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	55 00
Bourbon	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 54 00	(2) 54 00	54 1/2
HAITÍ:					
Lavado bom mole	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Catado à mão	(6) 50 1/2	(6) 50 1/2	(6) 50 1/2	(6) 50 1/2	50 1/2
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 1/4	56 3/8
Tipo 5 - comum duro	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	48 3/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Abril de 1952)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	5	12	19	26	MÉDIA
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 00	(2) 55 00	55 1/2
Tapachula primeira .	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 00	(2) 55 00	55 1/2
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 54 3/4	(2) 54 3/4	55 1/4
Lavado primeira ...	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 7/8
EL SALVADOR:					
Lavado primeira ...	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 00	(6) 57 00	57 1/4
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole ..	(6) 52 00	(2) 52 00	(2) 51 00	(2) 51 00	51 1/2
Fino	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 53 00	(6) 53 00	53 1/2
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 55 00	(6) 55 00	55 1/2
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 1/2
Natural robusta	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
MOOCA:					
Mooca (Arabia)	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 58 1/2	55 1/4
N.E.I.:					
Genuino Java lavado	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	68 00
UGANDA:					
Lavado	(6) 47 00	(6) 47 00	(6) 46 00	(6) 46 00	46 1/2

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponivel
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal
(×) Embarques em Abril

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — CONTRATO "S"

ABRIL DE 1952

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	53 70	53 13	53 55	52 93	52 59	52 25	52 03	51 65	51 53	51 13
2	53 20	52 85	52 80	52 59	52 12	51 90	51 52	51 34	51 00	50 80
3	52 90	53 33	52 90	53 10	52 25	52 45	51 65	51 85	51 15	51 30
4	53 40	52 79	53 30	52 55	52 52	51 83	52 00	51 27	51 43	50 70
7	53 00	52 65	52 70	52 30	52 03	51 62	51 39	51 04	50 77	50 50
8	52 60	52 73	52 20	52 41	51 70	51 60	50 90	51 01	50 40	50 50
9	53 00	52 95	52 80	52 68	51 95	51 85	51 50	51 37	50 95	50 89
10	53 30	53 15	52 90	52 95	52 00	52 15	51 58	51 65	51 10	51 17
14	53 30	53 00	52 80	52 80	52 03	52 09	51 53	51 58	51 10	51 19
15	52 80	52 75	52 80	52 59	51 95	51 92	51 50	51 43	51 00	51 00
16	52 80	52 50	52 51	52 46	51 85	51 76	51 20	51 20	50 90	50 79
17	52 40	52 60	52 35	52 71	51 65	52 00	51 70	51 55	50 71	51 15
18	52 40	52 40	53 05	52 60	52 40	51 98	52 00	51 60	51 50	51 30
21	52 35	52 18	52 55	52 27	51 95	51 65	51 60	51 15	51 15	50 84
22	52 40	52 33	52 55	52 24	51 85	51 67	51 40	51 19	51 10	50 75
23	52 25	51 94	52 30	52 14	52 00	51 52	51 50	51 05	50 90	50 70
24	51 90	51 66	51 31	51 83	52 32	51 20	50 30	50 60	50 50	50 29
25	51 25	52 00	51 60	52 20	50 90	51 41	50 25	50 90	50 00	50 55
28	52 00	52 20	52 25	52 58	51 40	51 75	50 77	51 20	50 40	50 80
29	52 70	52 35	52 85	52 73	52 00	52 03	51 40	51 47	51 03	51 03
30	52 25	52 45	52 65	52 85	52 00	52 25	51 40	51 60	51 00	51 24
Média	**52 66**	**52 56**	**52 60**	**52 55**	**51 97**	**51 85**	**51 39**	**51 32**	**50 93**	**50 89**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

ABRIL DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Argentina	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3282	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3310	3,6209	2,7353	—	—	—	—	0,0535
3	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3320	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	—	0,0535
5	52,4160	18,72	18,70	—	4,3215	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3291	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3320	3,6209	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	4,9215	4,3291	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	4,3367	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
18	52,4160	18,72	—	4,9327	4,3367	3,6209	2,7353	1,7096	1,3391	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	4,3500	3,6209	2,7353	—	—	—	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	—	—	0,0535
29	52,4160	18,72	—	4,9327	4,3520	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
30	52,4160	18,72	—	4,9290	4,3547	—	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,70**	**4,9271**	**4,3386**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**1,3391**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de ABRIL

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	617.935	260.518
Dólares	15.733.767	22.112.293
Francos Franceses	1.177.305.399	1.414.138.792
Escudos	5.952	150.148
Pesetas	20.296	7.331
Francos Suiços	630.816	996.919
Francos Bélgas	23.035.097	27.785.504
Pesos Argentinos	—	7
Pesos Uruguaios	65	—
Dólares Canadenses	—	1
Corôas Suecas	8.816.748	11.290.556
Corôas Dinamarquesas	7.757.215	7.716.223
Corôas Norueguesas	657	—
Florins	166.194	506.308
CONVÊNIOS		
U$S — Alemanha	7.241.498	8.344.920
U$S — Áustria	245.451	265.160
U$S — Chile	17.332	281.514
U$S — Itália	1.322.427	1.262.597
U$S — Japão	1.788.560	1.898.074
U$S — Polônia	343	1.160
U$S — Portugal	178.997	331.747
U$S — Tchecoslováquia	68.437	103.329
U$S — Uruguai	1.402	190
U$S — Yugoslávia	—	231.496
Brasileiro — Argentino	Cr$ 9.749,30	Cr$ 693.426,30
Brasileiro — Holandês	Cr$ —	Cr$ 96.995,70
Brasileiro — Norueguês	Cr$ 25.423,00	Cr$ 855.325,00

Resumo dos negócios realizados no mês de ABRIL de 1952

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	7.720.435	21.117.707,00
Corôas Suecas	12.847.246	46.518.595,00
Dólares	44.969.110	841.821.732,00
Escudos	59.254	38.942,00
Florins	251.527	1.239.300,00
Francos Belgas	31.236.905	11.801.303,00
Francos Franceses	1.509.143.906	80.739.199,00
Francos Suiços	1.027.111	4.456.224,00
Libras	1.565.518	82.058.225,00
Pesetas	122.118	208.773,00
TOTAL	.....	1.090.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acordo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixado este mês por esta Bolsa.

£	20.795.177 =	52,4160
U$S	58.226.496 =	18,72—

Total computado em Abril de 1951	2.213.000.000,00
Total computado em Março de 1952	1.226.000.000,00
Total computado em Abril de 1952	1.090.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS A VISTA

ABRIL DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florin
1	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,33 91	6,92 05	"	3,62 09	—
2	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,33 91	6,77 03	"	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,33 91	6,67 38	"	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,33 91	6,72 17	"	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,33 91	6,72 17	"	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,33 91	6,48 87	"	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,33 91	6,48 87	"	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,33 91	6,48 87	"	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,33 91	6,48 91	"	3,62 09	—
15	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,33 91	6,40 00	"	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,46 63	"	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,77 03	"	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	1,33 91	6,89 50	"	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	1,33 91	6,89 50	"	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,97 21	"	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,97 21	"	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	1,33 91	6,86 97	"	3,62 09	4,93 08
25	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	1,33 91	6,84 46	"	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,92 05	"	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	1,33 91	6,92 05	"	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	1,33 91	6,92 05	"	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,35 96	0,65 72	1,33 91	7,07 75	"	3,62 09	4,93 08
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,34 28**	**0,65 72**	**1,33 91**	**6,75 85**	"	**3,62 09**	**4,93 08**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

ABRIL DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
1	51,46 40	18,38 00	4,21 64	0,63 64	1,31 19	6,68 36	3,55 51	—
2	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,31 19	6,54 09	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,31 19	6,44 91	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,31 19	6,49 47	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,31 19	6,49 47	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,21 64	0,63 64	1,31 19	6,27 30	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,21 64	0,63 64	1,31 19	6,27 30	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,31 19	6,27 30	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,31 19	6,27 30	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,31 19	6,18 86	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 19	6,25 17	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 19	6,54 09	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,31 19	6,65 94	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,31 19	6,65 94	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 64	1,31 19	6,65 94	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 19	6,73 26	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 64	1,31 19	6,63 54	3,55 51	4,84 13
25	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 64	1,31 19	6,61 15	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 19	6,68 36	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 64	1,31 19	6,68 36	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 19	6,68 36	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,24 58	0,63 64	1,31 19	6,83 27	3,55 51	4,84 13
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,22 92**	**0,63 64**	**1,31 19**	**6,52 62**	**3,55 51**	**4,84 13**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Exportações de café para a Alemanha — José Testa 397
Normas para a formação de um cafèzal — J. E. Teixeira Mendes 405
Ensáio preliminar de irrigação de café — Walter Lazzarini 408

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O café no Espírito Santo — Sálvio Pacheco de Almeida Prado 419
Intensificam-se em Campinas os estudos relativos ao melhoramento do cafeeiro — Alaor Pacheco Ribeiro 426
"O futuro pertence aos países que possuem uma grande agricultura equilibrada com a indústria — Constantino Ianni 429
Consumo de adubos em 50 433
Aspectos da economia cafeeira 435
Irrigação e política cambial 437
A restauração dos cafeeiros 438
Deve ser a proteção das colheitas contra as estiagens a primeira parte do plano oficial de aumento da produção 440
Adubos verdes 442
Pomares de café 445
O café visto nos Estados Unidos — (Cartas mensais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) — Abril 446

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 316 452
Entradas e embarques de café, no Rio de Janeiro, durante abril de 1952 e Safra 1951/52 454
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante abril 454
Exportação Brasileira de Café — março 455
Exportação Brasileira de Café — I — Detalhe pelos países de destino — março 456

Exportação Brasileira de Café — II — Detalhe pelos portos de procedência — 1.º Trimestre de 1952 459
Exportação Brasileira de Café — 2 — Portos de procedência 463
Exportação Brasileira de Café — IV — 1.º Trimestre de 1952, em comparação com o mesmo período de 1951 — I — Detalhe mensal ... 469
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — janeiro a março .. 470
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória — abril 471
Movimento de café em Santos — Safra 1951/52 — julho a abril 472
Movimento de café na praça de Santos — abril ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — abril ..... Apenso
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — abril 473
Cotação do disponível em Nova York — cafés estrangeiros — abril 474
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — abril 476
Câmbio em São Paulo — média diária — abril 477
Câmbio — 1952 — Resumo das operações de câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de abril 478
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado Livre — Vendas à vista — abril 479
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Livre — Compras à Vista — abril 480
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — março ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — abril ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK

ABRIL

DIAS	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires Peso	Montevidéo Peso
1	2,81 1/4	1,01 9/16	0,05 46	0,07 30	0,36 50
2	2,81 00	1,01 3/4	0,05 46	0,07 20	0,36 25
3	2,81 00	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 00
4	2,80 1/4	1,01 15/16	0,05 46	0,07 22	0,35 75
7	2,80 5/8	1,02 00	0,05 46	0,07 25	0,34 00
8	2,80 11/16	1,01 13/16	0,05 46	0,07 15	0,34 00
9	2,80 7/8	1,01 15/16	0,05 46	0,07 20	0,34 25
10	2,80 11/16	1,11 7/8	0,05 46	0,07 20	0,34 25
14	2,80 7/8	1,01 13/16	0,05 46	0,07 20	0,34 25
15	2,80 7/8	1,01 13/16	0,05 46	0,07 20	0,34 50
16	2,80 7/8	1,01 13/16	0,05 46	0,07 20	0,36 00
17	2,80 7/8	1,01 15/16	0,05 46	0,07 20	0,37 00
18	2,81 1/16	1,02 00	0,05 46	0,07 20	0,37 00
21	2,81 00	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 50
22	2,81 00	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 50
23	2,80 7/8	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 62
24	2,80 15/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37
25	2,81 00	1,02 00	0,05 46	0,07 20	0,36 25
28	2,81 00	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,37 00
29	2,81 1/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,37 25
30	2,80 15/16	1,02 00	0,05 46	0,07 20	0,37 50
**Média	**2,80 15/16**	**1,01 57/64**	**0,05 46**	**0,07 20**	**0,35 89**

SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS
DE 1952

Valor das diversas moedas em dolar

Paris franco livre	Berna franco livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder
0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,22 96 1/2	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,22 96 1/2	0,19 35	0,0349 1/2	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,22 97	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 33
0,0028 5/8	0,22 98	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 07	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 39
0,0028 5/8	0,23 06	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 39
0,0028 5/8	0,23 04 1/2	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 02	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 9/16	0,23 05	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 07	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	0,23 07	0,19 35	0,0349 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 08 1/2	0,19 35	0,0349 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 11	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 37
0,0028 5/8	0,23 11	0,19 35	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 38
0,0028 5/8	**0,2302 31/64**	**0,19 35**	**0,0349 7/8**	**0,0198 5/8**	**0,26 36**

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar
— Fones, 32-8357 e 33-1432 —
R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

Os agentes autorizados são portadores de apresentação

AVISOS

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL